
MEDIUNIDADE
para iniciantes
EDITORA
EME
LUIZ GONZAGA PINHEIRO


MEDIUNIDADE
para iniciantes
EDITORA
EME
LUIZ GONZAGA PINHEIRO



MEDIUNIDADE

para iniciantes

EDITORA EME

© 2016 Luiz Gonzaga Pinheiro

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança – Casa da Criança, em Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: julho de 2017

Capa: André Stenico

Projeto eletrônico: MarcoMelo.com.br

Revisão: Editora EME

ISBN 978-85-9544-022-7

Mediunidade para iniciantes / Luiz Gonzaga Pinheiro

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Copyright © Editora EME Ltda-ME

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080

Capivari-SP

CEP: 13360-000

(19) 3491-7000

www.editoraeme.com.br



Dedicatória

Aos amigos que iniciam esta viagem. Que seja bela, útil e responsável e só assim será, com Jesus no comando do barco.

Luiz Gonzaga Pinheiro



Introdução

Diga-nos o que deve fazer, dentro de suas capacidades, um médium, para poder ser completo e útil ao plano espiritual? – Devotamento ao bem do próximo, sem a preocupação de vantagens pessoais – eis o primeiro requisito para que o medianeiro se torne sempre mais útil ao plano espiritual. Em seguida, quanto mais o médium se aprimore, através do estudo e do dever nobremente cumprido, mais valiosa se torna a execução de tarefas com os instrutores da vida maior.

(Chico Xavier)

CHICO XAVIER, INSPIRADOR DESSE trabalho, não porque eu o tenha conhecido pessoalmente, mas por admirar-lhe a simplicidade e a responsabilidade com as quais se ocupou dessa missão por largas e árduas décadas, sempre enfatizava, quando lhe perguntavam como alcançar um bom aprimoramento de potencial mediúnico, que o médium deve partir da leitura de uma simples partitura e através do esforço contínuo chegar às grandes sinfonias. Na sua singeleza de homem puro imaginava-se como sendo alguém com o desejo de tocar um instrumento (a mediunidade) e para bem desempenhar sua tarefa deveria amá-lo, pois esta é a primeira necessidade de quem pretende se aperfeiçoar na técnica, ser um virtuoso, arrancando assim do instrumento as melodias imortais que encantem os ouvidos de quem as escutem. “Que se aperfeiçoe o violino, e o artista encontrará nele as mais amplas facilidades de expressão. Sem cooperador habilitado, a tarefa surge deficiente. A mediunidade, em si, depende do médium.”

Para mostrar um contraexemplo, ou seja, divulgar como não deveria ser a caminhada do médium expunha o prejuízo de quem não se conduzia pela via acima citada adentrando vielas escuras a terminar em becos sem saída: o egoísmo que se fantasia de vaidade e orgulho, quando o medianeiro procura irrefletidamente antepor-se aos mentores espirituais que se valem dele é a sua perdição. Ou o mesmo egoísmo, quando se veste de ociosidade ou de escrúpulo negativo, para fugir à prestação de serviço ao próximo.

Este trabalho tem por função levar ao aprendiz da mediunidade, ao nível de primeira informação, a definição e a correta aplicação desta faculdade humana tão bela e útil em mãos operosas. Como o espiritismo se encontra em grande expansão, talvez porque a humanidade se encontre mais madura e receptiva a esses ensinamentos, também pelos filmes, novelas e reportagens sobre este tema, nota-se a busca nos centros espíritas desse tipo de informação.

De leitura leve e agradável, sem a pretensão de fazer proselitismo, informa sempre embasado em Kardec, Emmanuel ou o próprio Chico Xavier, de maneira segura, sobre como se conduzir frente à vida ao aplicar tais conhecimentos.

Mas não apenas o aprendiz iniciante poderá utilizá-lo em seus estudos. Sua utilidade se estende aos cursos de educação da mediunidade, resumos para iniciados, informações para grupos de estudos mediúnicos e como leitura agradável para simpatizantes do tema.

Boa leitura e excelente prática.



Mediunidade através da história

Há diversidade de dons espirituais, mas a espiritualidade é a mesma. Há diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor que a todos administra. Há diversidade de operações para o bem; todavia, é a mesma lei de Deus que tudo opera em todos. A manifestação espiritual, porém, é distribuída a cada um para o que for útil. Assim é que a um, pelo espírito, é dada a palavra da sabedoria divina e, a outro, pelo mesmo espírito, a palavra da ciência humana. A outro é confiado o serviço da fé e a outro o dom de curar. A outro é concedida a produção de fenômenos, a outro a profecia, a outro a faculdade de discernir os espíritos, a outro a variedade das línguas e ainda a outro a interpretação dessas mesmas línguas. No entanto, o mesmo poder espiritual realiza todas essas coisas, repartindo os seus recursos particularmente a cada um, como julgue necessário.

Emmanuel – (Chico Xavier) – Seara dos médiuns – FEB

A MEDIUNIDADE TEM A idade do homem. Possuindo ele uma mente, estação receptora e transmissora de pensamentos, seria impossível a ele excluir-se da interação entre os seus iguais. Essa afirmativa é válida tanto para encarnados quanto para desencarnados, ambos ávidos de convivência e de intercâmbios. Deus teria sido desatento se não houvesse criado essa janela interativa, esse correio astral que permite a troca de conhecimentos, de sensações e de afetos entre aqueles cuja saudade sufoca.

É por este motivo que sempre encontramos nas civilizações mais antigas, os cultos aos ancestrais, o respeito pelos mortos, a reverência pelos que partiram. Intuitivamente o homem sempre acreditou na imortalidade da alma e na sua comunicabilidade rejeitando a ideia do nada como destino, após a morte de sua vestimenta biológica.

A ideia de um Criador e da perenidade da vida, mesmo sem saber explicar e como entender tais fenômenos, estão em todos os povos, pois jamais se teve notícia de uma civilização ateia. Registros de todas as idades apontam para esta

certeza, atualmente sem contraditores de vulto em toda a população terrena.

Na Bíblia, crônica do povo judeu, encontramos a exposição dos mais diversos fenômenos mediúnicos. Ilustramos este artigo com alguns devido à credibilidade desse livro, importante documento para o cristianismo: em Apocalipse, 1:10, lemos: “Eu fui arrebatado em espírito um dia de domingo, e ouvi por detrás de mim uma grande voz como de trombeta”(fenômeno de desdobramento espiritual); a luta de Jacob com um espírito é um fenômeno típico de materialização, pois esta só poderia realizar-se na condição do relato bíblico, se o espírito contendor se encontrasse materializado (Gen. 32:24); o profeta Elias (Reis III, 19:5,6) alimentou-se, graças a um anjo que lhe depositava, ao lado, pão cozido debaixo de cinza (fenômeno de transporte); em Ezequiel, 3:14, lemos o seguinte: “também o espírito me levantou (fenômeno de transporte) e me levou consigo; e eu me fui cheio de amargura, na indignação do meu espírito; porém a mão do Senhor estava comigo, confortando-me”; no cap. 15:12 e 13, do Gênese, encontramos o seguinte fato: “Ao pôr do sol, veio um profundo sono sobre Abrahão (transe mediúnico), e um horror grande e tenebroso o acometeu, e lhe foi dito: saiba desde agora que tua posteridade será peregrina numa terra estrangeira, e será reduzida à escravidão, e aflita por quatrocentos anos”; Moisés, no monte Sinai, ouve a voz dos espíritos (mediunidade auditiva) julgando ser a do próprio Deus. (Êxodo, 19:29,20): Jesus, por ocasião do batismo no rio Jordão, ouve uma voz que lhe diz: “tu és aquele meu filho especialmente amado; em ti é que tenho posto toda a minha complacência”; encontramos, ainda, na Bíblia outras formas de mediunidade tais como Saul consultando o espírito de Samuel, na gruta de Endor; Moisés conduzindo o povo hebreu, no deserto, acompanhado por uma labareda que seguia à sua frente; Jeremias, o profeta da paz, sendo tomado por um espírito e pregando contra a guerra aos exércitos de Nabucodonosor.

Não restam dúvidas, portanto, da atuação dos espíritos entre nós. Nossos destinos sempre estiveram entrelaçados aos dos desencarnados, pois ora estamos aqui e ora estamos lá, na pátria espiritual. A morte trata-se apenas de uma transferência de plano, de uma troca de vestimenta, de uma mudança de vibração, sem sermos alterados em nossos sonhos e planos.

O espiritismo, levantando o véu do Além, descortinou a eternidade da vida. Quando Deus cria um princípio inteligente, este já faz parte da eternidade. Deste sentimento de perenidade vem toda a ânsia evolutiva; formaram-se vários corpos doutrinários para explicar e divulgar segundo épocas e costumes a existência de

Deus, a sobrevivência do espírito, as penas e recompensas futuras, a comunicação entre vivos e mortos, a reencarnação e outros conceitos religiosos.

Como disse Chico Xavier:

Nossos benfeitores espirituais nos esclarecem, frequentemente, que a doutrina espírita formula explicações mais lógicas, mais simples em torno dos ensinamentos de nosso senhor Jesus Cristo, explicações essas, que nós encontramos com muita riqueza de minudências nas obras codificadas por Allan Kardec. Mas, explicam também, que todas as religiões são respeitáveis e que nossa atitude, diante de todas elas, deve ser de extremada veneração, pelo bem que elas trazem às criaturas humanas e por serem igualmente sustentáculos do bem na comunidade em nome de Deus.

Portanto, a mediunidade não é um modismo, uma fase, uma hipótese ou ficção, mas uma faculdade humana que permite a interação entre encarnados e desencarnados, independentemente do estado moral de cada um. Todavia, só vale a pena educá-la e praticá-la, aliando seus ensinamentos ao evangelho de Jesus a fim de que ela se converta em instrumento de vida plena, a favor da caridade e a serviço do amor.

Aquele que possui tal ferramenta que a proteja da ferrugem, agente corrosivo que acomete qualquer ferramenta abandonada ou esquecida, que a mantenha afiada pela lima do amor para que ela brilhe sempre sob a luz da compaixão pelos sofredores.



Evolução da mediunidade

Nosso corpo espiritual, em qualquer parte, refletirá a luz ou a treva, o céu ou o inferno que trazemos em nós mesmos.

Emmanuel – (Chico Xavier) – Roteiro – FEB

PARTINDO DO PRINCÍPIO DE que mediunidade é sintonia podemos concluir que ela se espraia nos mais diversos campos do conhecimento humano. Kardec anotou em O Livro dos Médiuns 56 tipos de médiuns e cerca de 80 modalidades mediúnicas. Todavia, como a evolução é uma lei natural, também, a mediunidade avança em novas técnicas, número e modalidades.

Da simples psicofonia aos arrebatamentos descritos na Bíblia, a mediunidade foi se diversificando até chegar presentemente no uso da tecnologia, a permitir imagens de desencarnados pela televisão, a utilização de telefones nos quais se comunicam os desencarnados, no uso de computadores, em prova inconteste de que acompanha o progresso intelectual, moral e tecnológico humano. Mas também, através dela os desencarnados promovem cirurgias, transportam objetos, materializam artefatos, fabricam medicamentos.

Rosemary Brown foi uma médium espírita inglesa cuja mediunidade se manifestava de diversas formas. Tornou-se mais conhecida pela comunicação que afirmava ter com os espíritos de compositores célebres de música erudita, havendo “recebido” deles, em processo similar à psicografia, mais de 400 partituras. Entre esses espíritos, estariam Liszt (com o qual tinha contato mais frequente), Chopin, Schubert, Beethoven, Bach, Brahms, Schumann, Debussy, Grieg, Berlioz, Rachmaninoff, Mozart, dentre outros.

Chico Xavier, considerado a maior antena mediúnica do mundo, obteve através da psicografia mais de 400 obras espíritas com o mais distinto conhecimento nas áreas, científica, filosófica e religiosa.

José Arigó foi o precursor das famosas cirurgias espirituais. Fazia cirurgias sem

anestesia nem assepsia, utilizando apenas um canivete ou uma faca enferrujada dizendo ser orientado pelo Dr. Fritz, médico alemão já desencarnado.

Segundo o biógrafo de Handel, Stefan Zweig, na primeira vez em que ele executou o oratório “O Messias”, declarou publicamente: “este trabalho é obra de alguém fora de mim e eu jamais poderia aceitar um único níquel advindo dele, pois não me pertence. Tudo quanto vier a render deverá ser destinado aos enfermos, pois eu estava doente e me curei; estava prisioneiro e me libertei.” Quando “O Messias” foi tocado, a emoção que causou foi tão grande que o rei Jorge II levantou-se, num impulso espontâneo, seguido de toda sua corte ouvindo-o de pé. Para compor este oratório, Handel passou 21 dias isolado em seus aposentos em estado de consciência alterada, ou seja, em prolongado estado de interação com mestres desencarnados.

Na pergunta nº 934 de O Livro dos Espíritos, (chamou-me a atenção meu velho amigo Clóvis Nunes, pesquisador da transcomunicação, fenômeno no qual os espíritos se comunicam pela televisão) observa-se interessante referência ao futuro desenvolvimento da mediunidade: “a perda de entes que nos são caros não constitui para nós legítima causa de dor, tanto mais legítima quanto é irreparável e independente da nossa vontade?” Os responsáveis por tão primoroso trabalho em sintonia com a evolução terrena respondem: “essa causa de dor atinge assim o rico como o pobre: representa uma prova, ou expiação e comum é a lei. Tendes, porém, uma consolação em poderdes comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios que vos estão ao alcance, enquanto não dispondes de outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos” (grifo do autor).

Afirmou-me este pesquisador que sob sua coordenação, no XI Congresso Espírita da Bahia, em 02/11/2002, foi realizada uma sessão de gravação em áudio, quando se obteve, com grande nitidez, uma mensagem de um antigo colaborador da entidade federativa daquele estado, sr. Astrogildo Eleutério da Silva. E mais: que em um programa na TV Luxemburgo, em 1986, levando seu equipamento ao estúdio, Konig (um alemão técnico em eletrônica) montou-o sob a vigilância dos técnicos do estúdio e do pessoal das câmeras culminando o trabalho com a gravação da voz do filho de uma mãe presente. O programa foi assistido por três milhões de pessoas no norte da Europa, e reprisado um dia depois.

Alguns estudos sobre esta matéria apontam para a necessidade de um médium presente durante a transcomunicação. Notamos nesse particular que a

mediunidade avança como tudo na vida. Do simples registro que Allan Kardec publicou sobre o desenho mediúnico representado pela cepa (ramo de parreira), expressa no capítulo “Prolegômenos” em O Livro dos Espíritos, avançaram os imortais para a pictografia, também chamada de pintura mediúnica. O objetivo das pinturas mediúnicas é sensibilizar as pessoas mostrando através da arte a perenidade da vida, pois aqueles que as criam, na realidade, já não se encontram entre os encarnados. Ao mesmo tempo em que espalham a beleza dão prova concreta de que o patrimônio conquistado por um artista permanece com ele após a morte e que a comunicação entre vivos e mortos é uma realidade inegável.

Sobre a evolução artística, Emmanuel em O consolador (FEB) acrescenta que a:

Perfeição técnica, individual de um artista, bem como as suas mais notáveis características, não constituem as resultantes das atividades de uma vida, mas de experiências seculares na Terra e na esfera espiritual, porquanto o gênio, em qualquer sentido, nas manifestações artísticas mais diversas, é a síntese profunda de vidas numerosas, em que a perseverança e o esforço se casaram para as mais brilhantes florações da espontaneidade.

De tão bela síntese concluímos que somos o que queremos ser, o que fizermos de nós mesmos, sob a tutela do tempo, do suor, do estudo e, às vezes, das lágrimas.



Mediunidade e espiritismo

A mediunidade pode manifestar-se através da pessoa absolutamente inculta, mas os bons espíritos são de parecer que todos os médiuns são chamados a estudar a fim de servirem com mais segurança.

(Chico Xavier)

A MEDIUNIDADE, SEGUNDO BEZERRA de Menezes, é um madeiro de espinhos dilacerantes, mas com o avanço da subida, calvário acima, os acúleos se transformam em flores e os braços da cruz se transformam em asas de luz para a alma livre na imortalidade.

Antes de Kardec, a mediunidade era exercida sem direcionamento, não sistematizada, ao sabor do grau evolutivo e o grau de instrução de cada indivíduo. Podemos dizer que antes de Kardec tínhamos o empirismo, ou seja a prática da mediunidade baseada em experiências, sem contudo, compor ou dispor de um corpo de conhecimentos que a direcionasse para determinados fins, quais sejam a utilidade, a bondade e a beleza. Com Kardec ganhamos o espiritismo, doutrina que aglutina ciência, filosofia e religião, que joga toda sua força na reforma moral do indivíduo e, secundariamente, procura explicar o universo tangível em constante interação com o universo transcendente.

O espiritismo veio, portanto, disciplinar a mediunidade, retirá-la do contexto anárquico e sobrenatural, incluindo-a no universo natural e humano. Para tanto deixou aquele que a organizou em precioso volume, O Livro dos Médiuns, um presente para estudiosos, pesquisadores e simpatizantes da doutrina em forma de tratado que tem por base a pesquisa científica e a experiência observada em centenas de médiuns e de mensagens mediúnicas. Neste livro, os imortais trazem a explicação de variados problemas ainda não observados e comprovados pela análise acadêmica.

Com o estudo de O Livro dos Médiuns a mediunidade conseguiu elevar-se moralmente à categoria de ciência e seguir padrões e conceitos preestabelecidos,

tornando-se como desejavam os espíritos luminosos, um verdadeiro guia para médiuns e doutrinadores. Para bem defini-lo vejamos o que escreveu Kardec na apresentação dessa obra: “contém o ensino especial dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do espiritismo”.

A mediunidade tem um guia: O Livro dos Médiuns. Sem um bom guia dificilmente se vai longe, em qualquer caminho. Pessoas do mundo inteiro já possuem um roteiro de luz para modelar sua mediunidade conforme os referenciais da caridade e da paz. A descoberta e o detalhamento do mundo invisível foi algo tão importante e profundo quanto à descoberta dos micróbios. Com a codificação espírita, além da correta educação da mediunidade, aprendemos a lidar com as obsessões, compreendemos a lei de causa e efeito, identificamos de maneira clara as funções, as modelações e as características do perispírito, corpo que é considerado o instrumento de manifestação do espírito no plano espiritual.

Mas isso são apenas conhecimentos preliminares, pois o espiritismo traz volumoso registro de informações seguras sobre uma gama enorme das faces científicas, filosóficas e morais vinculadas à evolução espiritual. Por tudo isso se costuma dizer que em matéria de conhecimento invulgar ligado à espiritualidade e à religiosidade no planeta em que habitamos Jesus é a porta e Kardec é a chave.

Em virtude dessa excelência e coerência demonstradas por esse homem lúcido e sábio é que Chico Xavier disse certa feita: “se Allan Kardec tivesse escrito que fora do espiritismo não há salvação, eu teria ido por outro caminho. Graças a Deus ele escreveu: fora da caridade, ou seja, fora do amor não há salvação”.



Mediunidade com Jesus

Nem Jesus Cristo, quando veio à Terra, se propôs resolver o problema particular de alguém. Ele se limitou a nos ensinar o caminho, que necessitamos palmilhar por nós mesmos.

(Chico Xavier)

A MEDIUNIDADE, TAL QUAL o dinheiro ou uma ferramenta qualquer, é neutra em si mesma dependendo os efeitos dela decorrentes, do sentido que a ela se imprime. Sendo uma faculdade humana, o que já exclui os animais de a possuírem, o médium precisa de um corpo físico adequado à condição exigida pelo exercício mediúnico. Por isso essa condição de ser médium já consta no seu planejamento reencarnatório feito antes mesmo do seu nascimento na carne.

Ajustes são efetuados em seu perispírito a fim de que ele possa exercer essa faculdade sem grandes dificuldades. Ele se desdobrará ou se projetará do corpo com facilidade, ouvirá a voz dos desencarnados, verá ocorrências e cenários do mundo espiritual, emprestará seu braço para que algum espírito escreva a depender das faculdades que portará. Às vezes o médium tem várias faculdades mediúnicas, mas se especializa, ou seja, usa mais amiúde uma delas, a que tem mais aptidão.

Na obra O consolador, Emmanuel responde à seguinte pergunta:

– Qual a verdadeira definição de mediunidade?

– A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo divino mestre aos tempos do consolador, atualmente em curso na Terra. A missão mediúnica, se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das

mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos Seus filhos misérrimos. Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada por princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

Com tal resposta o instrutor restringe o campo de atuação da mediunidade, caso se deseje dela bom proveito, à sua vinculação com a luz. É imperioso que ela esteja atrelada ao evangelho de Jesus, pois esta é a única garantia de gerar bons frutos. A mediunidade que salva, conforta, cura, ilumina e eleva é a mediunidade com Jesus. Afastada desse caminho é fator de quedas e de sofrimentos, prestando-se apenas como causa de tropeços e de infortúnios para o louco que a deturpa.

Segundo Chico Xavier, o Cristo não pediu muita coisa, não exigiu que as pessoas escalassem o Everest ou fizessem grandes sacrifícios. Ele só pediu que nos amássemos uns aos outros. Este é o caminho da mediunidade com Jesus, o amor ao próximo através da prática da caridade. Ele mesmo, templo vivo, deixou o roteiro para seus seguidores. “Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei”. Esta é a função do centro espírita. Proporcionar o alívio do corpo e muito mais do espírito a todos que o buscam. Esta é a função da mediunidade: iluminação da consciência para o enfrentamento das exigências evolutivas; fortalecimento do espírito diante das suas fragilidades; burilamento da sua rebeldia modelando sua alma pelo buril evangélico.

Com Jesus o fardo é sempre mais leve. Sábio aquele que o elege como mestre.



Mediunidade e sintonia

Que é mediunidade, no significado real de sua essência? – Mediunidade, na essência, é afinidade, é sintonia, estabelecendo a possibilidade do intercâmbio espiritual entre as criaturas que se identifiquem na mesma faixa de emoção e de pensamento.

(Chico Xavier)

PARA FALARMOS SOBRE SINTONIA consideramos coerente definirmos primeiramente o que é uma faixa e uma frequência a fim de evitarmos confundir esses dois conceitos. A frequência é uma grandeza física ondulatória que indica o número de ocorrências de um evento (ciclos, voltas, oscilações) em um determinado intervalo de tempo. Já a faixa engloba várias frequências tais como de 31 a 63 Hz que corresponde aos sons dos bumbos, tubas e baixos.

A faixa, portanto, é algo mais elástico, comportando uma série de frequências. Quando alguém fala que é preciso sintonizar com um bom espírito está querendo dizer que existe a necessidade de igualar-se a ele em frequência vibratória, a fim de com ele trocar informações e sensações. Costuma-se citar como prioridade de uma comunicação mediúnica a existência de duas premissas básicas para sua ocorrência: afinidade fluídica e sintonia vibratória.

Esse fenômeno, estabelecer uma frequência, é de fácil entendimento. Quando ligamos um rádio e movemos o dial para detectar determinada estação, digamos situada em 99.1 kHz, assim que a atingimos a escutamos em som claro e limpo de interferências. Isso é frequência. Mas essa frequência e outras mais, se situam em uma faixa. Afirmamos que entre 90kHz e 100kHz podem existir dezenas de estações. 90.1kHz, 90.8kHz, 91.6kHz e assim por diante, até atingir o numeral 100.

Falemos corretamente. Precisamos sintonizar com os bons espíritos elevando nossa frequência com a finalidade de estabelecermos uma clara e límpida comunicação. Nessa ocasião eles baixam sua frequência, nós elevamos a nossa

através da oração, dos bons pensamentos e sentimentos e disso resulta a sintonia. É através da sintonia que elegemos nossas companhias espirituais através de nossos pensamentos e apelos pessoais. Referindo-se à sintonia podemos lembrar Jesus em seus conselhos insuperáveis: onde está o tesouro do homem está, também, o seu coração.

É ainda através da sintonia que nos direcionamos durante o sono físico para o plano dos nossos pensamentos. Se só ocupamos a mente com o sexo, provavelmente buscaremos durante o sono algum antro de prostituição na Terra ou no astral; se elegemos o forró, a droga, a boa palestra, visitas aos amigos como prioridades em nossa vida, igualmente faremos tudo que foi planejado.

Quando na adolescência, participando de um grupo de educação da mediunidade, tínhamos muita dificuldade de concentrar pensamentos em torno de um único ponto. Formarmos uma sintonia entre nós era uma dificuldade, pois mesmo o doutrinador citando o foco, ou seja, mandando-nos a todos pensar na figura de Jesus, um pensava em Jesus orando, outro em Jesus caminhando sobre as águas, um terceiro em Jesus discursando o sermão do monte... culminando com todos pensando diferentemente.

Um dia, vendo nossa dificuldade em focar um mesmo ponto, um velho amigo já desencarnado aconselhou: por que não trazem a foto de uma bela paisagem, de um pôr do sol, de um jardim com flores e nela fixam o pensamento por um instante, todos vocês, e permanecem com ela em suas mentes durante a reunião? Quando alguém sair do cenário e pensar, por exemplo: será que deixei a porta da casa aberta? Imediatamente volta para ele. Foi assim que conseguimos uma sintonia tão perfeita que os videntes conseguiam ver, qual imenso painel na parede da sala, a paisagem escolhida.

“Os bons espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorarem; os espíritos inferiores com os homens viciosos ou que possam vir a sê-los. Daí sua afeição, por causa da semelhança das sensações”. Podemos ler este interessante parágrafo em O Livro dos Espíritos que bem distingue a faixa de sintonia na qual devemos operar.

Pensamentos elevados resultam em altas frequências e pensamentos inferiores em baixas. Por tal razão, Jesus aconselhou a vigilância e a oração a fim de nos tornarmos antenas vivas, motivo de paz no mundo, esforçando-nos por fazer brilhar a eterna luz que Deus espalha a todos, mas que somente a boa sintonia

pode acolher.



As premissas da mediunidade

Nunca nos cansaremos de repetir que mediunidade é sintonia. Subamos aos cimos da virtude e do conhecimento e a mediunidade, na condição de serviço de sintonia com o plano Divino, se elevará conosco.

(Chico Xavier)

O HARMONIOSO EXERCÍCIO MEDIÚNICO exige muito estudo e dedicação. Diz-se com muita propriedade que médium que não estuda é facilmente mistificado. Allan Kardec escrevendo sobre o tema fez a seguinte observação, aliás, muito pertinente: “para se comunicar, o espírito desencarnado se identifica com o espírito do médium”. O autor se refere à afinidade fluídica, simpatia, ou semelhança de condições. Os espíritos, sejam encarnados ou desencarnados, exercem uns para com os outros, atração ou repulsão em obediência ao grau de simpatia ou de antipatia que nutrem. Portanto, para que ocorra uma comunicação mediúnica devem existir primeiramente essas duas premissas: afinidade fluídica e sintonia vibratória.

Os médiuns não podem servir de instrumento a todos os espíritos, indistintamente. Suas manifestações são reguladas pela lei da afinidade fluídica. Resumidamente esta lei prescreve que para que uma manifestação se produza é preciso que o perispírito do médium tenha afinidade fluídica com o perispírito do espírito que quer se manifestar.

A afinidade fluídica é, portanto, uma característica a ser concretizada quando os fluidos do perispírito do médium se assemelham aos fluidos do perispírito do comunicante. Todos temos uma atmosfera fluídica que nos identifica e é essa atmosfera que unida à outra que com ela se ajusta, que permite o acoplamento perispiritual.

Sendo os médiuns os intérpretes dos espíritos, suprem o organismo material que falta a estes, para nos transmitirem as suas instruções, afirma Allan Kardec. Mas para que utilizem um corpo carnal em sua comunicação necessitam, médium e

comunicante, se assemelharem fluidicamente. Quanto mais essa afinidade fluídica for obedecida mais intensamente e fielmente o médium retratará as emoções do comunicante. À proporção que o médium se exercita em trabalhos mediúnicos vai se tornando flexível em sua afinidade fluídica alargando assim o número de comunicantes que podem utilizá-lo.

Quanto à sintonia vibratória, poderíamos até dizer afinidade moral, esta diz respeito à moral dos envolvidos. Quanto mais se assemelharem, maior a facilidade na comunicação. Quando o comunicante se aproxima do médium, ao formar a atmosfera fluídica pela afinidade já mencionada, existindo a sintonia vibratória, ou seja, os pensamentos de ambos se ajustando em ondas mentais semelhantes, forma-se um campo no qual os pensamentos e emoções são compartilhados. Por isso adverte Emmanuel: sintonia é acordo mútuo.

Eis porque, examinando a mediunidade e sabendo que a sintonia lhe é inerente, ousaríamos perguntar: sintonia para quê e com quem? Parafraseando o antigo provérbio “dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és”, concluiremos que basta a pessoa explicar onde repetidamente está para sabermos que objetivos ela procura e basta notarmos com quem anda para que saibamos com quem essa mesma pessoa deseja se parecer. Através do exposto, reconheceremos que todo aquele coração que palpita e trabalha no campo dos ensinamentos de Jesus, a Jesus se assemelhará.

Já ouvi queixas de médiuns que dizem só serem utilizados na tarefa abençoada da desobsessão por espíritos grosseiros, tais como sofredores e obsessores. Questionam se não seria por causa dos seus fluidos mais se assemelharem a este tipo de comunicante? Outros julgam que para formar uma sintonia vibratória com um obsessor ou um assassino necessitam pensar como ele, ou seja, engendrar mentalmente crimes e torpezas, embora não materializem os pensamentos em ações.

A sintonia mental em uma reunião de desobsessão é formada pela oração, pelo colocar-se à disposição dos benfeitores espirituais, pelo desejo de fazer o bem, por uma aliança com o amor. Quando o médium diz: Senhor estou aqui! Que eu possa ser utilizado em teu serviço conforme tua vontade. Este estará apto a “receber” o mentor ou o sofredor dentro dos padrões da caridade e do amor ao próximo.

Boas leituras, bons pensamentos, boa prática, e tudo se encaminhará

naturalmente para frente e para o alto. Todo aquele que aprova o bem e o pratica tem a proteção divina e a sintonia gerada com seus representantes. Mas é necessário, igualmente, o estudo constante a fim de não ser enganado pelos hipócritas. Acredito que esse seja o espírito do espiritismo, ou seja, o “amai-vos e instruí-vos” apregoado pelo Espírito Verdade. Sigamos. Deus que nos acompanhou até hoje não nos deixará amanhã.



A pré-imantação fluídica

Quais são os principais sintomas, tanto físicos quanto psicológicos, que a pessoa apresenta para que se diagnostique mediunidade acentuada? – Os sintomas podem ser variados, de acordo com o tipo de mediunidade. Irritabilidade, sonolência sem motivo, dores sem diagnóstico definido, mau humor e choro inexplicável podem indicar necessidade de esclarecimento e estudo.

(Chico Xavier)

VOLTAMOS À AFINIDADE FLUÍDICA para explicar o que ocorre quando um comunicante necessita ser atendido em determinada reunião e nenhum dos médiuns ali atuantes consegue manter com ele uma reciprocidade que permita a comunicação. No entanto, aquele enfermo precisa de atendimento naquele posto de serviço, que é o centro espírita. Ele poderia receber socorro em outro lugar, mas ali estão pessoas que mantêm vínculos com ele e sua presença naquele local e hora lhe é necessária como complementação do atendimento.

Os instrutores espirituais ou mentores da casa procedem então ao que chamamos de pré-imantação fluídica que consiste no contato antecipado do comunicante com o médium forçando uma afinidade entre ambos. Esse contato provoca e ativa a assimilação fluídica. Às vezes o médium começa a sentir certo desassossego, incômodo ou mesmo leve mal-estar um ou dois dias antes da reunião. Isso é apenas o resultado da companhia a ele atrelada; os sintomas são dela. Se ele não for à reunião, sob o pretexto de estar fisicamente inábil, certamente prejudicará a si e àquele que deveria auxiliar na condição de primeiro enfermeiro.

Mas como saber se o médium está realmente passando mal ou se aqueles sintomas são ocasionados pelos fluidos do comunicante? Nas reuniões sérias o planejamento do que ocorrerá durante sua realização é executado durante o sono físico dos participantes encarnados, que recebem informações e conselhos sobre como tudo será encaminhado, inclusive da necessidade de uma pré-imantação

fluídica.

Portanto, cumpramos nossas obrigações com zelo e dedicação, pois como disse Emmanuel, através da psicografia de Chico Xavier, o lugar mais certo de sermos encontrados pelos bons espíritos é no trabalho. Isso porque eles não vão a motéis, bailões, pontos de drogas ou semelhantes. Gostam mesmo é de trabalhar pelo bem-estar do próximo.

Trabalhe! O trabalho, segundo Gibran é o amor feito visível, e amor é tudo quanto podemos realizar de melhor para embelezar nossa vida. Reportando-se ao trabalho, é pensamento unânime entre os benfeitores espirituais: quando a justiça divina nos procura para cobrar dívidas, se nos encontra trabalhando pelo bem do próximo, manda a misericórdia divina que essa dívida seja adiada por tempo indeterminado.

Não poderíamos finalizar um texto que lembra o trabalho como um dos maiores bens da vida sem lembrar essa lição de vida contada por nosso amigo Chico Xavier: “estávamos, certa vez, sob chuvas de observações e eu perguntei ao espírito Emmanuel: ‘Que fazer? Dizem tanto mal...’ e ele respondeu: ‘Olha, a boca do mal na Terra é como a boca da noite. Ninguém consegue fechá-la. Vamos trabalhar, trabalhar...’”

Temos necessidades, mas Deus as conhece. Temos frio, mas Deus tem cobertores. Temos medo, mas Deus dá a coragem. Tomaram-nos tudo, mas temos a Ele. Acho que esta é uma boa maneira de concluir o texto.



Mediunidade e interferências nas mensagens

Qual o médium que poderíamos chamar de perfeito? Perfeito? Bem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Dize, portanto, bom médium e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus espíritos jamais ousassem uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons espíritos, tem sido enganado menos vezes.

(O Livro dos Médiuns)

NEM TODA MENSAGEM MEDIÚNICA é 100% fiel no sentido de não haver interferência por parte do médium. Neste capítulo trataremos apenas do tipo de interferência externa, uma vez que a interna, ou seja, o animismo e a fraude, serão tratados em outra ocasião.

Todos sabemos que a mente é uma estação receptora e transmissora de pensamentos e que através da sintonia estabelecida entre duas estações (estado de dois sistemas suscetíveis de emitir oscilações elétricas da mesma frequência) mensagens podem ser trocadas ou induzidas.

Baseados neste princípio, os espíritos se comunicam por telepatia, promovem induções mentais nas obsessões, auxiliam seus protegidos inspirando-lhes bons conselhos, infundem sentimentos positivos aos poetas, literatos, artistas de uma forma geral, enfim, mantêm todo um sistema de interação e transmissão oculto, mas paralelo ao sistema de comunicação convencional.

Mas entre os médiuns essa indução provocada pela sintonia pode ter um efeito nefasto e corrosivo nas comunicações ou mensagens mediúnicas. Nem sempre é fácil notar a interferência, principalmente quando o interessado na fraude é inteligente e se esconde sob o manto da hipocrisia ou é escudado pela invigilância do médium.

É ainda de Kardec o valioso esclarecimento e advertência para quem trabalha em

reuniões mediúnicas:

As mistificações constituem os escolhos mais desagradáveis do espiritismo prático. É simples, porém, o meio de evitá-las: basta não pedir ao espiritismo senão o que ele possa dar. Ora, sabendo que a finalidade maior do espiritismo é o melhoramento moral da humanidade, dificilmente seremos enganados se não nos afastarmos desse objetivo, visto que não existem duas maneiras diferentes de se compreender a verdadeira moral.

Existem ainda as interferências externas tais como o barulho, o calor, o desconforto no mobiliário, a inadequação da sala, dentre outros, mas não estamos aqui nos referindo a estes, e sim, às interferências de ordem espiritual.

Repassadas tais exceções passemos às interferências mais sutis que para muitos são desconhecidas. Rotulamos de negativas tais interferências somente quando utilizadas para mistificar ou enganar, pois são técnicas, e uma técnica, uma vez aprendida, sua utilização independe da moral. Mas elas podem ser benéficas quando os mentores delas se utilizam para aperfeiçoar a mensagem que querem transmitir.

Interferência de uma mente estranha em sintonia com o médium: o "penetra", ou seja, o que conseguiu uma sintonia com o médium, utilizando-se dessa sintonia, introduz pensamentos na mensagem, que são captados por ele e adicionados ao texto resultando na impressão de que este é exclusivamente do comunicante.

Interferência de uma mente estranha em sintonia com o comunicante: aqui o intruso introduz pensamentos que são captados pelo comunicante e repassados ao médium, dando a impressão de que a mensagem é unicamente daquele que se comunica.

Interferência de uma ou mais mentes estranhas em sintonia com o médium e com o comunicante: neste caso existe a infiltração de pensamentos que são captados por ambos, resultando em duplo prejuízo para a mensagem, deixando a impressão de que esta é genuína e de autoria exclusiva do comunicante.

Estas interferências fazem parte das sutilezas da mediunidade. E somente aqueles bem preparados, que estudam e aprofundam suas pesquisas são capazes de detectarem tais influências. Pensemos diante desses pequenos testes cuja finalidade é solidificar nossos conhecimentos como o benfeitor Emmanuel quando nos exorta à resistência e à confiança em Deus através do seguinte conselho: “dificuldades que te surpreendam são os testes aconselháveis em que te cabe encontrar aproveitamento”.



Mediunidade e perispírito

Se quiser realmente ver o teu maior inimigo, para por alguns instantes à frente de um espelho.

Do livro Mensagens de paz de Chico Xavier – Editora Escala

O PERISPÍRITO É BASE de qualquer fenômeno mediúnico. Para entender este corpo plástico e maleável, o definiremos como instrumento de manifestação do espírito no mundo espiritual, tal como o corpo físico é o instrumento de manifestação do espírito no mundo material.

Kardec, em Obras Póstumas assim se reporta a esta vestimenta astral: o perispírito é o intermediário entre o espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para aquelas que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe; quando o ato parte da iniciativa do espírito pode-se dizer que o espírito quer, o perispírito transmite, e o corpo executa.

Quando o comunicante aproxima-se do médium forma com ele uma espécie de atmosfera fluídica que permite a ambos intercambiar sensações.

A captação de fluidos espirituais pelo médium provoca-lhe sensações, boas ou más, conforme o grau evolutivo do espírito. Atuando os fluidos sobre o perispírito, este reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressente uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa. (A Gênese: cap. 14, item18).

É dessa maneira, pela análise dos fluidos, pela sensação incômoda ou prazerosa provocada que o médium obtém as primeiras informações sobre o comunicante.

Aqui vale a observação de Jesus: uma árvore boa não dá maus frutos.

Muitas são as propriedades do perispírito dentre as quais destacaremos:

Plasticidade: alterações morfológicas que ocorrem em função dos comandos mentais do espírito.

Expansibilidade: expansão e exteriorização do perispírito nos fenômenos de desdobramento e doações fluídicas.

Densidade: ponderabilidade (peso) e frequência vibratória (luminosidade), ambas relacionadas à evolução do espírito.

Penetrabilidade: capacidade de atravessar barreiras vibracionais , físicas ou não.

Visibilidade: os desencarnados menos evoluídos percebem o perispírito dos seus pares e dos espíritos que lhe são inferiores.

Tangibilidade: os espíritos são vistos e tocados quando materializados.

Sensibilidade: propriedade de perceber sensações, sentimentos e emoções. Estas percepções não são captadas por meio de órgãos específicos, mas em todo o corpo perispiritual.

Unicidade: significa dizer que cada pessoa traz no próprio perispírito a soma das suas conquistas evolutivas. Não há, portanto, dois perispíritos iguais.

Mutabilidade: é a propriedade que permite mudanças no perispírito em decorrência do processo evolutivo. A mutabilidade ocorre no que se refere à substância, à forma e à estrutura perispirituais.

Emmanuel reporta-se a este corpo fabricado pelo princípio inteligente quando em estágio pelas espécies inferiores da seguinte maneira:

...o perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste, além do sepulcro, de conformidade com o seu peso específico.

Formado por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena, é aparelhagem de matéria rarefeita, alterando-se, de acordo com o padrão vibratório do campo interno.

Organismo delicado, extremo poder plástico, modifica-se sob o comando do pensamento. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir.

Nas mentes primitivas, ignorantes e ociosas, semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermiço. O progresso mental é o grande doador de renovação ao equipamento do espírito em qualquer plano de evolução.

O perispírito sendo de matéria plástica e moldável obedece aos impulsos da mente, que lhe modela as formas quando o espírito tem conhecimento e poder para efetuar tais mudanças em si próprio. As anomalias morais alteram profundamente este corpo, que se deforma com os atos de agressão à lei divina, a tal ponto de André Luiz dizer que o espírito não retrograda, mas a forma se degrada.

Segundo este autor, sob certas condições, o perispírito sofre deformações de vulto culminando em formato ovoide. Tal processo é conhecido como ovoidização e, está ligado a impulsos autodestrutivos, de vingança, de ódio cristalizado que leva o espírito à perda da consciência ativa, ocasião em que o eu consciente desmorona completamente, em decorrência de atrozes e insuportáveis sofrimentos, voltando-se sobre si mesmo, anulando-se e perdendo todo o contato com a realidade. Nesse processo autodestrutivo a atividade consciente entra em letargia refugiando-se nas camadas do inconsciente. O pensamento contínuo e multifacetado se fragmenta perdendo seu fio de condução e a estrutura perispiritual desmorona por completo, desfazendo sua natural conformação humana adquirindo o formato de um ovo, cujas dimensões se aproximam de um crânio humano infantil.

Mas também o perispírito pode alindar-se pela ação benfazeja tal qual ocorreu a Aníbal de Silas, professor de uma Universidade a qual Camilo Castelo Branco foi enviado para se preparar para nova reencarnação após seu suicídio. À guisa de informação repassamos aqui o caso desse jovem que quando criança, em Nazaré, estivera com Jesus sendo acariciado por ele na ocasião em que os apóstolos as impediam de se aproximarem do mestre, no que ele reagiu dizendo: deixai vir a mim as criancinhas.

Diante do espanto de Camilo com a jovialidade de Aníbal, alguém lhe passou o currículo do adolescente professor: viveu ao tempo de Elias respeitando o verdadeiro Deus; iniciado nas escolas do Egito; aprendeu com o próprio Jesus; nasceu à época de Adriano, ocasião em que defendeu o Evangelho. Desde então se dedicou ao amparo e educação da infância e da juventude; sacerdote católico que amparou crianças órfãs por mais de uma vez. Tanto empregou energias em favor das crianças e jovens que imprimiu em si uma eterna feição de adolescente. Por pedido de Jesus foi trabalhar junto aos suicidas.

Julgamos que concluir qualquer texto com as sábias palavras de Emmanuel é sempre acertada escolha e coerente desfecho: “Nosso corpo espiritual, em qualquer parte, refletirá a luz ou a treva, o céu ou o inferno que trazemos em nós mesmos”.



Telemediunidade

...ENCONTRAVA-ME EU EM reunião mui solene no espaço, durante a qual se prestava culto ao Criador com o pensamento conjugado em preces e os corações dilatados em haustos de vibrações amorosas em busca de Suas bênçãos protetoras em prol dos nossos espíritos necessitados de inspiração para o desdobramento dos serviços que nos estavam afetos. De súbito, porém, quando mais dúlcida era a minha elevação mental no enternecimento da oração, definiu-se em meu ser um estremecimento forte, como se vigoroso contato elétrico comunicasse às minhas sutilezas de compreensão uma ordem provinda de superiores camadas hierárquicas, e um doce murmúrio, mavioso como o alento das almas santas em orações augustas ao Deus de amor e de bondade, sussurrou à minha mente atenta:

– Na rua S... Número 3, na cidade de XXX, no Estado do Rio de Janeiro, alguém se debate em desesperações para o momento sacrossanto da maternidade. É uma pobre alma delinquente de um passado de infrações graves, dentro do mesmo círculo de responsabilidades... a qual agora arrependida, entra em grande e doloroso resgate para o apaziguamento da consciência ainda conturbada pelos ecos do passado. Será necessário socorrê-la para que não sucumba antes da época prevista pela Lei, porquanto, sucumbir agora absolutamente não convirá aos seus interesses espirituais. Clama pela intervenção dos poderes celestes no melindroso momento, em brados de oração fervorosa, um coração singelo e obediente a Deus, sob os auspícios de Antônio de Pádua, servo de Jesus Nazareno, e que junto da enferma se encontra. Tu, Adolfo, és médico e és cristão. Necessitas do trabalho honroso do amor ao próximo para a edificação do teu espírito à face de Deus! Vai, pois! Atende ao aflito chamamento. Socorre a pobre alma pecadora que se arrependeu e deseja ressurgir para o dever. Vai! Antônio de Pádua velará por ti e por ela, em nome do mestre nazareno.

(Dramas da obsessão. Bezerra de Menezes,

psicografia de Yvonne A. Pereira).

Maravilhoso texto o escrito acima, pois nos fornece pistas para inúmeras conclusões. Primeiramente a eficácia da prece quando suas condições são obedecidas. Mas não apenas isso. Registram-se nele, igualmente, o amor de Deus para com Seus filhos, a lei de ação e reação, o mecanismo da prece, a hierarquia entre os espíritos, a necessidade de referências (nome da rua, número da casa, bairro, cidade), para que os bons espíritos encontrem seus alvos.

Sempre que viajo, algumas pessoas nos entregam nomes para os colocarmos em cadernos de preces e vibrações na esperança de serem atendidas em seus anseios. Todavia não colocam os referenciais para que nossos instrutores as encontrem de imediato. Julgam que os espíritos possam adivinhá-los ou que por um passe de mágica consigam surgir no local aonde o pedinte esteja sem esses referenciais. Os espíritos que nos auxiliam nas reuniões mediúnicas não são superiores em último grau. São apenas superiores a nós, seus auxiliares encarnados. Isso quer dizer que eles, também, necessitam desses referenciais para agilizarem seus trabalhos. Não teria sido este o motivo pelo qual Antônio de Pádua os citou para Bezerra?

Afirmamos alhures que em qualquer intercâmbio mediúnico existe a necessidade de uma sintonia vibratória que nem sempre pode ocorrer no momento da reunião. Digamos que doutor Bezerra de Menezes necessite divulgar determinada mensagem em um grupo, mas não encontra sintonia em nenhum dos médiuns lá existentes. Recorre então ao que chamamos de telemediunidade, ou seja, escolhe espíritos em estágios evolutivos intermediários entre ele e o médium e repassa a mensagem da seguinte maneira: lança a ideia ou a mensagem para o que está logo abaixo dele, que a capta, reduz sua frequência e a lança para outro mais abaixo e assim sucessivamente até que através dessas reduções de frequências a mensagem possa ser captada pelo médium.

Isso ocorre quando mensagens muito importantes necessitam ser enviadas para determinado grupo. Não significa que aquele grupo está defasado ou age contrariamente aos ensinamentos dos bons espíritos. Trata-se apenas de uma técnica a serviço da eficiência doutrinária e da assistência que os bons praticam sobre seus liderados.

Para ilustrar esse procedimento imaginemos uma hidroelétrica gerando milhares de volts. Se essa quantidade chegasse à nossa casa explodiria nossos aparelhos

que funcionam à base de eletricidade. Mas da usina até nosso lar existem dezenas de reduções até que possamos utilizar a energia na quantidade certa. Dessa maneira Deus tem Seus auxiliares, que possuem outros assistentes, que enviam para outros trabalhadores até que Sua palavra chegue até nós. O movimento de subida também se verifica em nossas orações e pedidos.

Baseado em tal realidade, Deus atende aos nossos desejos, de maneira que jamais estamos ou estaremos a sós, abandonados ou desamparados no mundo. Legiões imensas de auxiliares de Deus se multiplicam em trabalho e assistência a fim de que Sua misericórdia atinja a todos. Caminhemos confiantes na promessa de Jesus de que jamais estaríamos a sós; que ele estaria conosco até a consumação dos séculos.



Perda e suspensão da mediunidade

Tenho sofrido muitas perseguições da parte de espíritos inimigos da doutrina, mas dizendo-lhes com sinceridade, as maiores dificuldades que enfrento para perseverar no serviço da mediunidade são oriundas de minhas próprias imperfeições.

(Chico Xavier)

A MEDIUNIDADE PODE APRESENTAR sintomas variados, dentre eles as alterações emocionais súbitas, a acentuada sensibilidade emotiva, a vidência, a necessidade compulsiva e inoportuna de escrever sobre ideias que não são próprias ao médium naquele instante, calafrios, sensação de formigamento nos pés e na cabeça, mal-estar em determinados ambientes ou diante de certas pessoas e até sensação de enfermidades inexistentes.

Todavia, quando devidamente educada, transforma-se em verdadeiro portal entre os mundos material e espiritual, com repercussões sempre positivas na vida de qualquer pessoa. Mas em determinadas circunstâncias ela pode ser suspensa ou retirada do cenário da vida daqueles que com ela operam.

Emmanuel, em sua obra O consolador assim explica:

Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara da verdade e do amor. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.

Kardec aprofunda e detalha mais esta questão:

Qual a causa do abandono do médium, pelos espíritos? O uso que ele faz da mediunidade é o que mais influi sobre os espíritos bons. Podemos abandoná-lo quando ele a emprega em futilidades ou com finalidades ambiciosas, e quando se recusa a transmitir nossas palavras ou colaborar na produção dos fenômenos para os encarnados que apelam a ele ou que precisam ver para se convencerem. Esse dom de Deus não é concedido ao médium para o seu prazer, e menos ainda para servir às suas ambições, mas para servir ao seu progresso e para dar a conhecer a verdade aos homens. Se o espírito vê que o médium não corresponde mais aos seus propósitos, nem aproveita as instruções e os conselhos que lhe dá, afasta-se e vai procurar um protegido mais digno (O Livro dos Médiuns, Cap. XVII, item 220).

Ainda segundo o estudo efetuado por Kardec essa perda ou suspensão pode ocorrer por três motivos:

Advertência: quando os espíritos que sempre se comunicam por um médium deixam de fazê-lo, para provar ao médium e a todos, que eles são indispensáveis para que haja a comunicação e que sem o seu concurso simpático nada se obtém. No mais das vezes, tal atitude se prende à forma inadequada, moral e doutrinária, com a qual o médium se conduz. Este dom de Deus, afirmam os iluminados, não é concedido ao médium para seu deleite nem para a satisfação de suas ambições, mas para dar a conhecer aos homens a verdade através de sua honrada atuação.

Benevolência: Quando as forças do médium estão esgotadas e seu poder de defesa fica reduzido, para que não caia como presa fácil nas mãos dos obsessores. Neste caso sua faculdade é suspensa, temporariamente, até que volte ao seu estado normal e a possa exercitar com eficiência. Esse procedimento demonstra a solicitude dos espíritos que o dirigem e é antes uma prova de afeição que uma punição tendo por objetivo proporcionar-lhe um repouso necessário.

Provação: Isso ocorre quando o médium, apesar de se conduzir

corretamente, ter merecimento por boa conduta moral e não necessitar de descanso tem suas possibilidades mediúnicas diminuídas. Nesse caso seus instrutores lhe fornecem tempo e roteiro para meditações, induzem o aperfeiçoamento moral e doutrinário, testando ainda sua perseverança e paciência para futuros embates com mais segurança.

Fazemos questão da recorrência neste detalhe. A mediunidade é uma moeda cujas faces, amor e instrução, não admitem contraditórios em sua aplicação. O amor e a instrução, duas asas que elevam o espírito aos cumes evolutivos são obrigatórios para um bom desempenho. Notem os leitores que falei de instrução e não de inteligência, pois esta, para gerar bons frutos precisa estar direcionada para o amor. Quanto a este aspecto, gosto de citar um velho conselho carregado de experiência, citado por Chico Xavier:

Tudo o que Jesus falou no Sermão da Montanha foi ao coração, ao sentimento. Não disse nada ao raciocínio, porque é pela inteligência que caímos. Ele não disse: Bem-aventurados os inteligentes. Chegou mesmo, certa vez, a dar graças ao Pai por ter ocultado os segredos do céu aos sábios e inteligentes. Quem cai pelo amor, o próprio motivo da queda faz com que se reerga. Mas quem cai pela inteligência não se sente caído.

E como citamos constantemente este mestre, no exercício e na boa aplicação da mediunidade, Chico Xavier, terminemos o texto com ele: “Deus nos concede, a cada dia, uma página de vida nova no livro do tempo. Aquilo que colocarmos nela, corre por nossa conta”.

Na mediunidade esse conselho é mais que útil e acima do necessário.



Mediunidade no instante da morte

Gostaria de dizer para você que viva como quem sabe que vai morrer um dia, e que morra como quem soube viver direito. Amizade só faz sentido se traz o céu para mais perto da gente, e se inaugura aqui mesmo o seu começo.

(Chico Xavier)

É SABIDO QUE A mediunidade pode surgir em um indivíduo em qualquer época ou idade. Não há sinais físicos que a denunciem, nem idade apropriada para que ela se manifeste. André Luiz, no livro Nos domínios da mediunidade nos relata o caso de dona Elisa que vivendo os últimos momentos na carne deseja ver seu filho, procedendo a uma espécie de evocação mental.

Seu filho, que era alcoólatra e que morrera assassinado em uma bebedeira, lhe aparece envolto em pesado clima psíquico provocando na mãe horríveis visões de aranhas e serpentes que se fazem acompanhar da presença de seu assassino. E essas visões que o filho tem são captadas pela mãe num fenômeno que André Luiz denomina de mediunidade no leito de morte. O rapaz, evocado pela mãe, a envolve num abraço parasitário. Com passes magnéticos, Áulus desliga o rapaz da pobre genitora.

Em seguida, a desencarnante já desligada do corpo, mas ainda retida ao mesmo por um laço prateado, instantaneamente percorre dezenas de quilômetros, até a casa de sua irmã Matilde. Esta é acordada pela visitante, por causa das vibrações causadas pelas pancadas que dera no leito da irmã, que passou a ouvir não pelos ouvidos e sim pelas ondas mentais. Levantando-se da cama, Matilde diz: “Elisa morreu”. Esse fenômeno também ocorre no momento da morte, embora não seja comum. Trata-se de um desdobramento provocado pela vontade da desencarnante, devido ao imperioso desejo de despedir-se da pessoa amada.

No instante da morte os laços perispirituais estando mais frouxos, próximos ao desligamento, fazem com que o perispírito se afaste um pouco do corpo, permitindo certa liberdade ao espírito no que ele aproveita para se comunicar e

despedir-se. É comum pessoas sentirem certo pressentimento de que viram, sentiram, se comunicaram com alguém, chegando posteriormente o aviso de que este alguém desencarnou.

Na codificação espírita podemos ler: nesse sentido, e por um processo de “condensação” molecular desse mesmo corpo espiritual, é possível aos falecidos (chamados de desencarnados, isto é, fora do corpo de carne) tornarem-se visíveis perante nós encarnados, isto é, ainda no corpo de carne. É o que acontece amiúde com pessoas que se encontram em estado de doença prolongada, e que vão assim desligando-se paulatinamente do corpo físico, estando por vezes, no momento da morte, mais “do lado de lá” do que “no lado de cá”, como é usual dizer-se. Essas pessoas descrevem seres conhecidos, já falecidos, que estão ao seu lado, amistosamente, e relatam muitas vezes suas conversas com esses mesmos seres, podendo inclusive prever com alegria o momento da morte do corpo físico.

Ernesto Bozzano (1861-1943), escritor italiano, mundialmente conhecido pelas excelentes obras espíritas legadas ao mundo, através de suas investigações deixou-nos excelentes relatos confirmados e catalogados de pessoas que tiveram contacto visual com seres conhecidos, familiares, amigos, todos eles já falecidos e que viriam então “buscá-los” para a sua nova vida. Fatos muito interessantes que acontecem amiúde, e que os mais desavisados facilmente consideram ser apenas uma alucinação visual, não dando a menor importância aos mesmos.

Portanto, a mediunidade é uma porta aberta à espiritualidade, mas nem todos têm a chave. Todavia, aqueles que a possuem podem fechá-la, ocasião em que a ignoram ou a desprezam; outros, porém, resolvem transpô-la segundo suas necessidades. Até mesmo na extrema urgência de se despedir de alguém a quem ame.



Mediunidade e medidas protetivas

Ninguém conseguiria manter a ordem sem a justiça, mas ninguém constrói a paz sem amor.

Emmanuel – (Chico Xavier) – Bênção de paz – GEEM

QUANDO AINDA BEM JOVEM me tornei doutrinador por força de não haver nenhum candidato a tal posto na reunião de educação mediúnica na qual seu dirigente falecera com um câncer no fígado. Talvez mais penalizado com a minha condição de assustado de que confiante na minha atuação, um amigo espiritual veio dar-me valioso conselho: você deverá utilizar a disciplina e a caridade. Tenha cuidado para que a caridade não amoleça a disciplina e a disciplina não atropele a caridade.

Foi um dos melhores conselhos que já recebi. Com o tempo fui descobrindo que há espíritos endurecidos que são refratários aos conselhos evangélicos ficando a zombar do doutrinador quando ele os cita. É a hora da energia, ou seja, da disciplina. E para aqueles que, mais enfermos do que maus, os conselhos e advertências de Jesus são bem-vindos e a caridade é servida fartamente.

Nessa função fui observando a reação dos médiuns frente aos comunicantes e orientando-os quanto ao procedimento que deveriam impor no caso de rebeldia. O médium experiente não entrega o corpo para um comunicante que vem raivoso. Antes o adverte: “você vai utilizar meu corpo em uma comunicação. Cuidado com o que vai dizer ou fazer, pois este corpo me pertence! Caso extrapole, interrompo sua comunicação.” Como interromper a comunicação? Basta reassumir o comando do corpo.

O médium deve ter essa postura diante de qualquer comunicação que não seja a de um comunicante confiável. Se um espírito desencarnado o aborda na rua ou no trabalho deve comunicar-lhe: “quer falar através da minha voz? Isso só será possível comparecendo no centro espírita onde trabalho no dia e hora citados.” Isso se chama educação mediúnica.

Tenho a honra de trabalhar com Tibiriçá há mais de quarenta anos. Quando a reunião é destinada ao trabalho de captura e diálogo com vampiros, ele cerca todo o quarteirão e traz dentro de redes ou sob a ponta de sua lança entidades cruéis e repulsivas que atormentam centenas de pessoas.

Sabemos que os centros espíritas sempre têm proteção. Conheço muitos centros onde há todo um arsenal bélico à disposição dos guerreiros. De lanças a raios paralisantes, de redes a luzes fortíssimas que cegam e imobilizam qualquer desordeiro. Além do mais, os instrutores manejam com maestria o hipnotismo, a invasão mental, dão ordens imperiosas para que infratores regridam perispiritualmente à condição de crianças, apagam da mente todos os conhecimentos dos mais violentos deixando-os sem referenciais de tempo, de espaço, sem saberem até mesmo quem são.

Não se enganem os indisciplinados. A disciplina em uma reunião de desobsessão é férrea. Mas o amor é doce e se espraia para além da incompreensão humana, pois esta é a missão do amor. Amar até doer, mas jamais com violência.



Médium consciente, semiconsciente e inconsciente

Sendo verdade que o "clima" mental do médium atrai espíritos condizentes, bons ou maus, como agiremos diante dos médiuns que se dizem inconscientes e que dão comunicações alternadas e seguidas? – O médium não deve perder de vista a disciplina de si próprio. A ordem vale por um atestado de elevação.

(Chico Xavier)

CADA MÉDIUM TEM SUAS particularidades que se apresentam no instante do transe. Se ele tem conhecimento de tudo quanto ocorre no instante da comunicação, teor da conversa, intenções do comunicante, sensações que este lhe causa, dizemos que ele é um intérprete, recebe por telepatia todo o manancial de informações. É, portanto, um médium consciente. Neste caso não ocorre o desdobramento ou afastamento do perispírito do corpo do médium, permanecendo este em estado de lucidez e vigília.

Caso ele tenha conhecimento parcial do conjunto de informações e ao final da comunicação se lembre apenas de fragmentos ou partes da conversa é um médium semiconsciente. Aqui ocorre um afastamento parcial do perispírito do médium, fato que concorre para que ele se lembre de alguns detalhes e ignore outros.

Mas se ele de nada se lembrar ao final da comunicação afirmamos neste caso tratar-se de um médium inconsciente devido ao total afastamento do seu perispírito do corpo físico. Todavia, inconsciente não é bem a palavra correta, pois seu espírito, acompanhado do seu perispírito se encontra próximo ao comunicante a tudo assistindo, podendo censurar o comunicante advertindo-o de que não permitirá qualquer tipo de excesso, físico ou moral, ao seu corpo. Vejamos neste esquema as posições de médiuns e comunicantes, bem como o grau de proximidade de seus perispíritos.

Tipos de Medinunidade

Consciente



Semiconsciente



Inconsciente



Resulta desse estudo que o médium nunca é passivo, pois em qualquer uma das três condições dispõe ele de recursos para agir garantindo sua integridade física e a fiscalização da mensagem. Quando um médium se levanta, vira a mesa, agride o doutrinador, devemos contabilizar esse descontrole a sua deficiente educação mediúnica, necessitando ainda de ajustes no campo da disciplina e do estudo.

Com isso não estou defendendo a ideia de que o médium deva ser um autômato, uma estátua, pois na condição de ser humano em contato com outro, interpretando ideias e sentindo sensações não suas, fatalmente refletirá parte do que lhe afeta. Isso é normal e até necessário, pois o doutrinador ficaria em dúvida caso um comunicante afirmasse ser um suicida sem demonstrar qualquer sentimento de dor e desespero. Igualmente, se aquele obsessor que diz odiar profundamente seu inimigo se apresentar com sorrisos de quem está em paz com a vida, o doutrinador desconfiaria de sua versão.

Mediunidade é sintonia. Não nos cansamos de repetir essa frase. Sendo sintonia, dificilmente deixará de mostrar sua verdadeira face. O médium deve refletir as emoções do comunicante, mas com disciplina, sem os exageros ou a violência que certos comunicantes pretendem mostrar. As lágrimas dos enfermos, a revolta do obsessor, a agitação do vampiro, a calma do mentor geralmente são demonstrados através do rosto do médium, indícios que devem ser observados pelo doutrinador e tidos como perfeitamente naturais. Daí o médium se levantar para virar a mesa vai uma distância incomensurável, somente admitida pela indisciplina. Pensemos neste caso como André Luiz: “se você não acredita na disciplina observe um carro desgovernado”.



Mediunidade e afetividade

Se Jesus nos recomendou amar aos inimigos, imaginemos com que imenso amor nos compete amar aqueles que nos oferecem o coração.

(Chico Xavier)

EM UM GRUPO MEDIÚNICO a afetividade deve ser rigorosamente trabalhada a fim de que todos os componentes do grupo se sintam verdadeiramente irmãos. Que não venha a surgir entre eles o melindre, a crítica mordaz, a indiferença ou qualquer sentimento hostil, pois este quadro favorece a atuação e a penetração de inimigos e obsessores interessados na dissolução do grupo.

É sabido que o bem tem seus opositores, justamente aqueles que se comprazem com o caos, a desordem, o clima bélico e a indisciplina generalizada. O centro espírita divulga técnicas empregadas por obsessores, incentiva a reforma moral, arma concreta contra o assédio de espíritos maldosos. Aconselha a prática da caridade e das virtudes evangélicas, a que se faça o evangelho no lar, verdadeira blindagem aos abrigos humanos. Como estes e outros procedimentos recomendados pela doutrina espírita favorecem a formação de uma sintonia com os bons espíritos, logicamente os maus têm seus planos e atuações dificultadas.

“Aqueles que não estão comigo estão contra mim”, pensam eles, e partem para o combate pessoal às instituições dificultando-lhes o trabalho renovador. Por esta razão o grupo mediúnico deve estar bem respaldado na fé, na vigilância e na oração em seus trabalhos.

Logicamente esse trabalho fica fortalecido e de mais fácil execução quando todos os componentes do grupo se sentem e se tratam como verdadeiros irmãos. Se um dos membros perde o emprego, logo os demais deverão incentivá-lo dizendo: “irmão, você não passará fome, pois todos nós o ajudaremos a superar esse drama.” Não foi isso que o Espírito de Verdade disse a Kardec? “Irei ajudar-te mesmo na vida material, pois não te ajudar a viver seria não te amar”.

Quando o grupo mediúnico tem essas características, suas dificuldades pesam menos, os inimigos sabem que não poderão separar um deles para fragilizá-lo, pois ali impera a velha e boa lei da fraternidade: um por todos e todos por um.

Com isso não estou dizendo que existem grupos perfeitos ou que um grupo somente deva funcionar com essas características. Esse é o objetivo, o modelo, o padrão do grupo bem formado que, certamente, contará com o apoio irrestrito de seus mentores. Esse grupo não fornece armas ou combustível aos inimigos para que seja utilizado contra ele. Está sempre atento ao bom desempenho, fazendo da amizade o visgo que une a todos.

Como Jesus é nosso referencial e modelo, estudemos suas atitudes em seu cotidiano. “Deixai vir a mim as criancinhas; mulher, onde estão os que te acusavam? Zaqueu! Desce, pois preciso hospedar-me em tua casa; jamais vi fé como a deste homem em Israel.”

Os contatos de Jesus com as mulheres, em especial as consideradas de má fama e de condição social inferior, os diálogos desenvolvidos com indivíduos perdulários (atitude condenada entre os judeus), aos quais ajudava sem segundas intenções, demonstram sua superioridade espiritual e apontam para a urgência da transformação moral de todos. Em toda sua vida agiu afetuosamente, tanto que o chamam de meigo e doce Rabi da Galileia.

Jesus soube identificar nossos medos e aconselhar-nos através de exemplos e de palavras:

• para os que têm medo de crescer, deixou-nos a lição da superação: colocar a mão no arado e não olhar para trás;

• para os que têm medo da humildade: quando convidados a um banquete sentar nos últimos lugares;

• para os que têm medo da paz: reconcilia-te com o teu inimigo enquanto estás a caminho com ele;

• para os que têm medo da justiça: dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus;

• para os que têm medo de perdoar: aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra;

• para os que têm medo de incomodar: vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei;

• para os que têm medo na escolha do referencial: aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.

E muitas outras lições deixou. Que não tenhamos medo de procurá-las. Em caso de dúvidas, olhemos sempre para o alto.

Afetividade até mesmo para com os obsessores, pois estes são, em sua grande maioria, pessoas magoadas e prejudicadas por aqueles a quem perseguem na atualidade. Assim agindo podemos fazer de um inimigo um amigo, ou quando não for possível essa transformação, minimizar as ofensas pelo reconhecimento do oponente de nossa imparcialidade e não agressividade.



Mediunidade e animismo

Qual a receita que o senhor apontaria contra o animismo? Aprendi com o nosso abnegado Emmanuel que o médium é também um espírito necessitado de socorro e de orientação. Desse modo, se o chamado animismo aparece em determinado grupo, devemos atender ao companheiro ou à companheira, envolvidos no assunto, com o mesmo carinho e atenção que dispensamos comumente ao espírito desencarnado, quando no intercâmbio conosco.

(Chico Xavier)

EM QUALQUER COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA o espírito do médium funciona como intérprete daquele que se comunica. O comunicante, estando ligado fluidicamente e através de uma sintonia vibratória com o médium, forma com ele uma atmosfera na qual os pensamentos e sensações são trocados. Qualquer manifestação mediúnica, seja de efeitos físicos ou de efeitos inteligentes, demonstra certa porcentagem de animismo, a não ser nos casos de possessão consentida, fenômeno que permite ao comunicante neutralizar qualquer traço de animismo.

Como o médium é um intérprete e não age como uma máquina, naturalmente introduzirá algo de seu às comunicações mediúnicas. Ora, modificar para melhor, conservando a essência da mensagem não é modificar, portanto este é um “animismo benéfico”. Se por exemplo, o comunicante fala gírias, utiliza-se de regionalismo, ou seja, se expressa através de tradições regionais não conhecidas por alguns ou se serve de um português muito rudimentar (nois vai, no lugar de nós vamos) pode o médium “consertar” o texto sem, contudo, alterar a essência. Isso não causa nenhum prejuízo à mensagem.

Neste caso nada de contrário ao bom-senso e à razão foi praticado. O que é passível de reforma e requer mudança é a alteração da essência na mensagem, que pode ser o resultado da introdução de ideias feita de forma inconsciente, quando o médium insere em meio à comunicação dramas de seu próprio espírito de forma parcial ou total.

A alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra. O animismo não é distúrbio ou desequilíbrio da mediunidade nem mistificação, pois se manifesta de forma inconsciente. Portanto, o animismo faz parte do fenômeno mediúnico. Todavia o médium deve se esforçar para diminuir a sua interferência na comunicação, pois mesmo nos casos de preciosismo ou de defasagem na linguagem esse fato pode ser importante para a identificação do comunicante.

Adverte André Luiz:

...Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhe congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras “mistificação inconsciente ou subconsciente” para batizar o fenômeno.

Muitos companheiros se mostram incapazes de remover os obstáculos criados pelo animismo, destruindo, assim, magnífica oportunidade de ajudarem elementos que, buscando as casas espíritas nessas condições, poderiam, posteriormente, contribuir em favor dos necessitados.

Médiuns totalmente anímicos, a princípio, podem vir a se tornar produtivos pela superação desse fenômeno. Trabalhei com um médium em reuniões mediúnicas que sempre “recebia” comunicantes suicidas. Eles se apresentavam como suicidas por enforcamento e pelo fogo. Nessas ocasiões ele ficava sufocado, corpo em brasas, e pela recorrência do fato fui percebendo nele ideias cristalizadas em seu próprio espírito.

Certa feita, em uma reunião na qual ele não estava presente, perguntei ao instrutor desencarnado se aquelas comunicações eram anímicas. A resposta foi afirmativa. Ele fora suicida em duas ocasiões, uma através do enforcamento e outra atirando fogo a si próprio. O instrutor aconselhou-me a que doutrinasse, ou seja, conversasse com ele durante o transe, como se realmente ali estivesse um suicida se comunicando. E estava. Ele.

Passado o período da catarse na qual ele retirou do inconsciente seus dramas relativos aos suicídios tornou-se um médium produtivo, sem mais demonstrar

qualquer traço que lembrasse as antigas comunicações dolorosas.

Ocorre que a sala de reuniões mediúnicas, para ele era um ambiente indutor favorecendo regressões de memória. A música suave, a penumbra, o recolhimento, e eis que os dramas adormecidos emergiam para o consciente.

Felizmente tudo foi solucionado sem que eu precisasse falar diretamente com ele. Claro que existem situações nas quais uma conversa se faz necessária diante da repetição de dramas nas comunicações. Quando a situação é sempre a mesma, os sintomas, as causas, tal repetição é um forte indicativo de animismo.

Se essa interferência na mensagem for a nível inconsciente é que chamamos de animismo. Se for consciente, no sentido e na intenção de modificar a mensagem por não concordar com ela é uma fraude. Uma coisa é modificar para melhor, tornando a mensagem mais completa e compreensiva, sem alteração da essência. Outra coisa, e aqui poderíamos chamar de grave equívoco é a interferência consciente modificando a mensagem. Isso é inadmissível e no caso o médium estaria fraudando e afastando-se da sua tarefa ou missão, ser um fiel intérprete dos comunicantes. De forma mais específica, o animismo é o fenômeno em que o médium revive suas próprias recordações, expressando-as, muitas vezes, nas reuniões mediúnicas. Por ser ele o autor das palavras ditas, este fenômeno anímico muitas vezes é observado com desconfiança devido à possibilidade de ocorrência de uma mistificação e pela ausência do espírito comunicante, não sendo, desta forma, um fenômeno mediúnico.

Há ainda a considerar a existência de médiuns muito impressionáveis ou de sensibilidade muito aflorada que misturam suas comunicações a fatos que os marcaram em leituras e casos impressionantes.

Exemplo: quando Getúlio Vargas se suicidou vários médiuns deram comunicação dizendo ser o presidente desencarnado, o comunicante. Mas tudo na vida é desafio e aprendizagem a fazer avançar o aprendiz de boa vontade. Reflitamos, nesse particular com Emmanuel: “Pensa em Deus, refugia-te em Deus, espera por Deus e confia em Deus, porquanto, ainda mesmo quando te suponhas a sós, em meio de tribulações incontáveis, Deus está conosco e com Deus venceremos”.



Mediunidade e possessão

Qual o obstáculo mais difícil a vencer na mediunidade? – Os obstáculos mais difíceis ao desenvolvimento da mediunidade estão sempre em nós mesmos. Quando deixamos o trabalho mediúnico para entregar-nos a tipos de atividades inconvenientes, estamos habitualmente cedendo às tentações que ainda trazemos em nós mesmos, constantes das tendências inferiores que ainda remanescem dentro de nós, em nos referindo à herança pessoal que trazemos de existências passadas.

(Chico Xavier)

A POSSESSÃO É ALGO tão extraordinário que o próprio Kardec a negou a princípio, certificando-se posteriormente da sua existência. Vejamos como este sábio tratou esta ideia na evolução de sua obra:

Em O Livro dos Espíritos, pergunta 474 podemos ler: “Se não há possessão propriamente dita, ou seja, coabitação de dois espíritos no mesmo corpo...” (1857).

Em O Livro dos Médiuns, item 241 consta o seguinte parágrafo: “dava-se outrora o nome de possessão ao império exercido por maus espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo...” (1861).

Notemos que nessas duas obras, ele não admitia a existência da possessão. Todavia na Revista Espírita de 1863, Um caso de possessão – senhorita Júlia, ele afirma:

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está

demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um espírito errante ao espírito encarnado.

Mais adiante, em A Gênese editada em 1868, ele retorna ao tema:

Na obsessão, o espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como que teia e constrangido a proceder contra a sua vontade. Na possessão, em vez de agir exteriormente, o espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseguintemente, é sempre temporária e intermitente, porque um espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção.

A Bíblia cita que o rei Nabucodonosor, por sete anos andou como animal comendo capim, completamente subjugado por forças misteriosas. Ao tempo em que Jesus esteve fisicamente entre nós curou possessos aos quais se dirigia dizendo: “Espírito imundo! Sai dele!” E o espírito possessor se retirava.

Mas seria possível um bom espírito se apossar do corpo de alguém? Vejamos o que conclui Kardec sobre tão fascinante tema:

Na obsessão há sempre um espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um espírito bom que quer falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente o empresta. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando é mau o espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebata-o, se este não possuir bastante força moral para lhe resistir. (A Gênese cap. XIV, Item 48).

Portanto, a possessão é uma realidade nos painéis da obsessão e pode ser que algum médium, algum dia, venha a ter um encontro com ela na figura de alguém que aflitivamente busque essa abençoada oficina de trabalho e de oração que é o centro espírita. E que Jesus esteja presente nesta hora!



Mediunidade e orientação

Dentro da psicofonia, se um médium dá passividade constantemente para irmãozinhos sofredores, tristes e chorosos, isso significa que o médium não está com a sintonia elevada? – Todo médium deve estar em equilíbrio para trabalhar num grupo mediúnico. Quando dá manifestação a espíritos sofredores, pode lhes proporcionar alívio e paz. Existem médiuns que têm energias específicas para socorrer espíritos suicidas, muito sofredores; essa é a missão dos médiuns de desobsessão. Não é, portanto, um desequilíbrio.

(Chico Xavier)

AO DEFINIR MÉDIUM, ERASTO faz uso das seguintes palavras: é o ser, indivíduo que serve de intermediário aos espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens, espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer espécie que seja.

Kardec, em O Livro dos Médiuns detalha e aprofunda essa definição:

Médium (do latim médium, meio, intermediário): pessoas acessíveis à influência dos espíritos, e mais ou menos dotadas da faculdade de receber e transmitir suas comunicações. Para os espíritos, o médium é um intermediário; é um agente ou um instrumento mais ou menos cômodo, segundo a natureza ou o grau da faculdade mediúnica. Esta faculdade depende de uma disposição orgânica especial, suscetível de desenvolvimento. Distinguem-se diversas variedades de médiuns, segundo sua aptidão particular para tal ou tal modo de transmissão, ou tal gênero de comunicação.

Em sua obra Instruções práticas sobre a manifestação dos espíritos, Kardec enfatiza:

Toda pessoa que sofre de alguma maneira a influência dos espíritos é, por isso mesmo, médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não é um privilégio exclusivo. Por essa razão, raros são os indivíduos nos quais não se encontram ainda que simples rudimentos de mediunidade. Pode-se, pois, dizer que todas ou quase todas as pessoas são médiuns. Todavia, no uso corrente, esta qualificação não se aplica senão àqueles nas quais a faculdade mediúnica é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende, então, de uma organização mais ou menos sensitiva. É preciso notar, além disto, que esta faculdade não se revela em todas as pessoas da mesma maneira.

Portanto, para nós espíritas, médiuns são aqueles indivíduos que apresentam a faculdade mediúnica de maneira ostensiva, ou seja, bem caracterizada e suscetível de ser utilizada. Costuma-se dizer que a base orgânica da mediunidade é indiscutível: “A faculdade propriamente dita é orgânica.” (O Livro dos Médiuns, cap. XX.) Mas quais seriam as regiões do corpo responsáveis por esse sentido? Em que setores do nosso corpo vamos identificá-lo? Sintetizando o assunto podemos dizer que o médium, devido ao seu perispírito que se desdobra com mais facilidade do que o de uma pessoa “não médium”, possui larga desarticulação das forças anímicas, o que lhe possibilita a percepção de eventos que ocorrem no mundo espiritual; seu sistema nervoso é mais apropriado ao transe espiritual o que lhe permite interagir com o plano dos desencarnados; afirmam terceiros que a glândula pineal do médium tem mais cristais de apatita, que vibrariam conforme as ondas eletromagnéticas que captassem, o que explicaria a regulação do ciclo menstrual conforme as fases da lua, ou a orientação de uma andorinha em suas migrações. No ser humano, seria capaz de interagir com outras áreas do cérebro como o córtex cerebral, por exemplo, que seria capaz de decodificar essas informações. Já nos outros animais, essa interação seria menos desenvolvida. Esta teoria pretende explicar fenômenos paranormais como a clarividência, a telepatia e a mediunidade.

A mediunidade pode ser classificada em dois grupos: mediunidade de efeitos físicos e mediunidade de efeitos intelectuais. As variedades especiais de médiuns para efeitos físicos que Allan Kardec inseriu no cap. XVI de O Livro dos Médiuns são estas: Médiuns tiptólogos – aqueles sob cuja influência se produzem ruídos e golpes vibrados em móveis e paredes. Essa variedade é muito comum e o fenômeno se dá mesmo quando o médium não tenha vontade de

produzi-lo. Foi com o concurso de médiuns tiptólogos – com as célebres Kate e Margareth Fox – que nasceu o espiritismo, cuja data se comemora no dia 31 de março, dia em que, no longínquo ano de 1848, ficaram assinalados na história os fenômenos de Hydesville.

Nas reuniões de desobsessão levadas a efeito nos centros espíritas, as faculdades mediúnicas mais comuns são:

– a psicofonia: quando o médium transmite a mensagem do comunicante através da fala;

– a psicografia, quando a mensagem é transmitida pela escrita;

– o desdobramento, quando o médium se projeta de seu corpo físico em corpo espiritual para realizar determinada tarefa;

– a vidência, quando o médium percebe cenas do plano espiritual;

– a audiência, quando o médium escuta a voz dos desencarnados;

– médiuns intuitivos, que recebem informações e avisos através da intuição.

A mediunidade necessita ser bem orientada sob pena de se tornar instrumento dos espíritos vulgares que não se preocupam com a ética doutrinária nem com a evolução do médium. Nesse particular achamos conveniente transcrever os sábios conselhos de André Luiz sobre o correto exercício mediúnico.

Decálogos para médiuns segundo André Luiz:

1 – Rende culto ao dever.

Não há fé construtiva onde falta respeito ao cumprimento das próprias obrigações.

2 – Trabalha espontaneamente.

A mediunidade é um arado divino que o óxido da preguiça enferruja e destrói.

3 – Não te creias maior ou menor.

Como as árvores frutíferas, espalhadas no solo, cada talento mediúnico tem a sua utilidade e a sua expressão.

4 – Não esperes recompensas no mundo.

As dádivas do Senhor, como sejam o fulgor das estrelas e a carícia da fonte, o lume da prece e a bênção da coragem, não têm preço na Terra.

5 – Não centralizes a ação.

Todos os companheiros são chamados a cooperar, no conjunto das boas obras, a fim de que se elejam à posição de escolhidos para tarefas mais altas.

6 – Não te encarceres na dúvida.

Todo bem, muito antes de externar-se por intermédio desse ou daquele intérprete da verdade, procede, originariamente, de Deus.

7 – Estuda sempre.

A luz do conhecimento armar-te-á o espírito contra as armadilhas da ignorância.

8 – Não te irrites.

Cultiva a caridade e a brandura, a compreensão e a tolerância, porque os mensageiros do amor encontram dificuldade enorme para se exprimirem com segurança através de um coração conservado em vinagre.

9 – Desculpa incessantemente.

O ácido da crítica não te piora a realidade, a praga do elogio não te altera o modo justo de ser, e, ainda mesmo que te categorizem à conta de mistificador ou embusteiro, esquece a ofensa com que te espanquem o rosto, e, guardando o tesouro da consciência limpa, segue adiante, na certeza de que cada criatura percebe a vida do ponto de vista em que se coloca.

10 – Não temas perseguidores.

Lembra-te da humildade do Cristo e recorda que, ainda ele, anjo em forma de homem, estava cercado de adversários gratuitos e de verdugos cruéis, quando escreveu na cruz, com suor e lágrimas, o divino poema da eterna ressurreição.

(Espírito da Verdade, Chico Xavier e Waldo Vieira)

A melhor diretriz é sempre o bem. Sigamos o bem e, naturalmente, seremos encontrados por todo seu cortejo de virtudes que o acompanham tais como a misericórdia, a humildade, o amor, enfim. Não esqueçamos o que Jesus disse sobre a persistência: aquele que perseverar até o fim, este será salvo.



Mediunidade e estudo

É por isso que nos sentimos felizes ao encontrar médiuns bem apropriados, suficientemente aparelhados, munidos de elementos mentais que podem ser prontamente utilizados, bons instrumentos numa palavra, porque então o nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que mediunizamos, só tem de lhe impulsionar a mão que serve de porta-caneta ou porta-lápis. Com os médiuns mal aparelhados somos obrigados a realizar um trabalho semelhante ao que temos para comunicar-nos por meio de pancadas, ou seja, indicando letra por letra, palavra por palavra, para formar as frases que traduzem o pensamento a transmitir.

(O Livro dos Médiuns, questão 225)

COSTUMA-SE DIZER ENTRE os médiuns mais experientes que médium que não estuda é médium mistificado. Sendo o médium um intérprete do comunicante, que para se expressar utiliza o seu conteúdo intelecto-moral, terá muitas dificuldades de passar de maneira clara sua mensagem encontrando pouco material disponível a ser utilizado na transmissão da sua ideia.

Relata o espírito Emmanuel em sua obra O consolador, que o médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Essa necessidade emana dos perigos e dos intrincados caminhos que todo aquele que adentra regiões do astral inferior deve conhecer. Igualmente, em qualquer área de atuação na qual nos infiltramos surge a necessidade de conhecer seus meandros, suas dificuldades para então traçarmos planos para superá-los.

Vejamos esta observação contida em O Livro dos Médiuns acerca da utilização de médiuns incultos no instante da comunicação: “Quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, nosso trabalho se torna mais demorado e penoso, pois temos que recorrer a formas imperfeitas de expressão o que é para nós um embaraço”.

Aprofundemos ainda mais este raciocínio com a palavra dos imortais: “Quando queremos ditar mensagens espontâneas agimos sobre o cérebro, nos arquivos do médium, e juntamos o nosso material com os elementos que ele nos fornece. E tudo isso sem que ele o perceba. É como se tirássemos da bolsa do médium o seu dinheiro e dispuséssemos as moedas, para somá-las. Na ordem que nos parecesse melhor”.

Façamos esta analogia para que a ideia fique mais clara. Digamos que o médium seja uma peneira pela qual o comunicante precisa passar determinado material, no caso sua mensagem, quanto mais furos entupidos constarem na peneira, mais difícil será a passagem do material a ser filtrado.

Não existem dúvidas quanto à necessidade de estudo por parte de médiuns e doutrinadores. A própria doutrina incentiva esta atitude ao escolher como lema “amai-vos e instruí-vos”, cauteloso caminho evolutivo para quem prioriza voos seguros. Como sugestão de estudos, aconselhamos a formação de um grupo de estudos para análise e aprofundamento das obras dos seguintes autores: Allan Kardec, André Luiz, Yvonne Pereira, Manoel Philomeno de Miranda, Hermínio Miranda, dentre outros.

Cada centro espírita tem suas particularidades, mas todos deveriam atrelar o desempenho e a admissão de qualquer trabalhador na área mediúnica ao estudo dessas obras.

O conhecimento espírita é orientação para a vida essencial e profunda do ser. Claro que a evolução é lei para todas as criaturas, mas o espiritismo intervém no plano da consciência, ditando normas de comportamento suscetíveis de traçar caminhos retos à ascensão da alma, sem necessidade de aventuras nos labirintos da ilusão que correspondem a curvas aflitivas de sofrimento.

Este conselho útil e salutar está grafado no livro Agenda cristã, ditado pelo espírito André Luiz .

Advertem-nos ainda os luminares responsáveis pela codificação kardequiana através de O Livro dos Espíritos em sua questão 780 que o progresso moral decorre do progresso intelectual, pois faz “compreensíveis o bem e o mal. O

homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos”.

Finalizamos este texto com a inestimável colaboração de Emmanuel, exposta em seu livro Estude e viva: “não alcançaremos a libertação verdadeira sem abolir o cativeiro da ignorância do reino do espírito. Quem aspire a entesourar os valores da própria emancipação íntima, à frente do Universo e da vida, deve e precisa estudar”.



Fatos mediúnicos e anímicos

ALGUNS FENÔMENOS ANÍMICOS DEFINIDOS por Kardec:

SONO: momento de repouso do corpo quando o espírito, aproveitando que os laços que o ligam ao corpo afrouxam-se e não precisando este último da sua presença, se lança no espaço e entra em relação mais direta com os outros espíritos.

SONHO: é a lembrança do que o espírito viu durante o sono. Nem sempre sonhamos por que nem sempre nos lembramos do que vimos ou de tudo que vimos. Devido a não termos a alma em pleno desenvolvimento das faculdades, não nos resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha a partida ou o regresso ao corpo, à qual se junta a lembrança do que fizemos ou do que nos preocupa no estado de vigília.

TELEPATIA: comunicação pelo pensamento com outros espíritos, encarnados ou desencarnados, mesmo em vigília, embora o faça mais dificilmente.

LETARGIA: perda momentânea da sensibilidade e do movimento. A suspensão das forças vitais se dá de forma geral dando ao corpo todas as aparências da morte.

CATALEPSIA: semelhante à letargia, só que de forma localizada, podendo

afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo e deixando a inteligência livre para se manifestar.

SONAMBULISMO: estado de independência da alma em que esta se encontra na posse plena de si mesma. Pode ser natural ou magnético (provocado) e ocorre principalmente durante o sono. O sonâmbulo pode adquirir a clarividência com a qual pode ver à distância, através de corpos opacos, ou ainda demonstrar conhecimentos que não expressa no estado de vigília. Pode também conversar com espíritos e deles receber orientações.

ÊXTASE: estado em que a alma se encontra mais independente ainda do que no sonambulismo. A alma do extático penetra nos mundos superiores, vê os espíritos que lá habitam e compreende a sua felicidade.

DUPLA VISTA: é a vista da alma, embora o corpo não esteja adormecido. Dá a quem a possui a faculdade de ver, ouvir e sentir além dos limites dos nossos sentidos. Percebem as coisas ausentes por toda parte onde a alma possa estender a sua ação; veem, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem. (O Livro dos Espíritos, cap. Emancipação da alma).

Dizemos que um fato é mediúnico quando para sua realização participam um encarnado e um desencarnado. Para ser fato mediúnico a presença do desencarnado é obrigatória. Já no fato anímico a presença do desencarnado não ocorre, cabendo a realização de toda tarefa ao encarnado que tudo faz com suas próprias energias e conhecimentos. No primeiro caso temos um médium, no segundo um paranormal. No entanto, ambos se situam dentro dos limites da normalidade da espécie humana. A diferença é que para a existência do fenômeno mediúnico é sempre exigida a presença de um desencarnado, o que não ocorre na paranormalidade. Apenas questão de palavras, sempre necessárias para fazer distinções entre os fatos.

Kardec ao estudar o magnetismo chamou de homens elétricos àqueles que, sem

o auxílio de desencarnados promoviam curas pelo magnetismo:

É a esta categoria mediúnica, ao que parece, que deviam pertencer as pessoas dotadas de uma certa carga de eletricidade natural, verdadeiro torpedo humano, produzindo por simples contato todos os efeitos de atração e repulsão. Seria errôneo, entretanto, considerá-las como médiuns, porque a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um espírito (Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, questão 163).

Como ilustração dos fenômenos anímicos podemos citar o caso de Antônio de Pádua que pregando na Espanha soube por via mediúnica que seu pai ia ser supliciado em Pádua, acusado de assassinato. Nesse momento, apoia-se sobre o púlpito e se projeta em espírito, surgindo diante das autoridades, demonstrando a inocência do seu pai e dando a conhecer o verdadeiro criminoso. Na primeira parte do fenômeno, o aviso de que o pai fora acusado, temos um fato mediúnico. A saída do corpo e seu surgimento em Pádua, foram façanhas dele somente. Evocado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas a fim de explicar como realizara tal proeza assim se explicou:

Quando o homem se desmaterializou completamente por sua virtude, tendo elevado sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o espírito encarnado, sentindo chegar o sono, pode pedir a Deus para se transportar a algum lugar. Seu espírito ou sua alma, como quiseres, abandona então o corpo, seguido de uma porção do seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado vizinho da morte. Digo vizinho da morte porque o corpo permanece ligado ao perispírito e a alma à matéria, por um liame que não pode ser definido. O corpo aparece então no lugar pedido. Creio que é tudo o que desejas saber. (O Livro dos Médiuns, capítulo VII, item 118)

Outro exemplo típico de fato anímico foi o ocorrido com Emmanuel Swedenborg quando ele descreveu a 405 quilômetros de onde estava, o incêndio em Estocolmo. No primeiro sábado de setembro de 1756, quando ele estava

sendo homenageado com um jantar, afastou-se um pouco dos companheiros, ficou a olhar para o horizonte e disse: vejo a cidade de Estocolmo ser destruída pelas chamas; ouço os gritos da multidão, sinto seu desespero, desabam pardieiros, vidas são ceifadas, a cidade está sendo consumida pelo fogaréu.

Portanto, afirmamos a existência dos dois fatos, mas elegemos nos estudos e na prática mediúnica os que pertencem ao campo espírita. E que Deus nos ajude a compreendê-los bem para os aplicarmos com sabedoria a benefício do bem geral.



Vigilância constante

Quem abandona o cultivo de si mesmo permite que o matagal de suas imperfeições tome conta da alma. Sem disciplina, o espírito não avança. Se eu não me submetesse à disciplina na mediunidade, o esforço dos espíritos teria sido em vão. O médium tem que ter horário. Não é ser escravo do relógio, mas também não é ignorar o valor do tempo.

(Chico Xavier)

OS AVISOS AQUI REGISTRADOS são os mesmos que procuramos aplicar à nossa prática em nosso trabalho mediúnico. O mais importante e valioso para nossa defesa e eficiência no trabalho vem de Jesus: vigiai e orai para não cairdes em tentação. Visto o frontispício dessa fortaleza, o mediunato, passemos às advertências de alguns estudiosos e mestres nesse assunto.

Chico Xavier disse certa feita, representando o pensamento de Emmanuel: “o lugar mais fácil para sermos encontrados pelos bons espíritos é no trabalho”.

“Para conseguir esse cometimento (o bom desempenho no exercício da mediunidade) faz-se necessário que a vida moral do medianeiro corresponda à

gravidade e elevação do compromisso firmado”. (Yvonne Pereira).

“Sobretudo, na organização espírita, o espírita é chamado a colaborar na harmonia comum, silenciando melindres e apagando ressentimentos, estimulando o bem e esquecendo omissões no terreno da exigência pessoal”. (Emmanuel).

“Em qualquer circunstância, pontualidade é sempre um dever, mas no caso particular do obreiro da seara espírita, assume o aspecto de inalienável compromisso de honra”. (André Luiz).

“Esta é a única senda de acesso à vida mais alta, através da qual, auxiliando sem a preocupação de ser auxiliado, servindo sem exigência e distribuindo sem retribuição os talentos que recebe, poderá o medianeiro honrar efetivamente a mediunidade, através dela espalhando os frutos de paz e amor que lhe repontam da vida, em marcha gradativa para a Grande Luz”. (Emmanuel).

Em O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, encontramos as dez seguintes causas que levam um médium ao fracasso:

1 – A falta de rigorosa análise das comunicações dá margem a que espíritos mistificadores, através de ditados extravagantes, desviem o médium e esterilizem sua mediunidade, que nada mais produzirá de útil.

2 – A leviandade é própria dos médiuns que não tomam a sério sua mediunidade

e a utilizam para futilidades. Os médiuns levianos vivem constantemente rodeados de espíritos brincalhões e zombeteiros, dos quais nada de bom se pode esperar.

3 – A indiferença caracteriza os médiuns que não procuram melhorar seu procedimento e não tiram proveito dos conselhos que os espíritos protetores lhes dão. Os médiuns indiferentes acabam sendo abandonados por seus protetores, porque os espíritos de boa vontade só auxiliam os médiuns que trabalham ativamente para sua própria reforma moral.

4 – A presunção é o traço distintivo dos médiuns que julgam que só recebem comunicações de espíritos elevados e, por isso, acreditam-se infalíveis. Os médiuns presunçosos arriscam-se a serem facilmente mistificados.

5 – O orgulho: os médiuns orgulhosos pensam valer mais do que seus companheiros e que nada mais precisam aprender. Duras lições os reconduzirão à humildade da qual se afastaram.

6 – A suscetibilidade demonstra que o médium possui excessivo amor-próprio. Lembremo-nos de que o amor-próprio é causador de inúmeras quedas. Os médiuns suscetíveis melindram-se quando as comunicações são analisadas, ressentem-se por qualquer motivo e se esquecem de praticar a sublime virtude que se chama tolerância.

7 – A exploração da mediunidade traz gravíssimo fracasso. O espiritismo veio para destruir o egoísmo e não para reforçá-lo; por isso o médium que usa sua mediunidade para explorar seus irmãos desvirtua sua nobre finalidade.

8 – Os médiuns egoístas são aqueles que usam sua mediunidade somente em proveito próprio, esquecidos de servir ao próximo. É claro que os espíritos do bem evitam estes médiuns, os quais passarão a ser assistidos por espíritos ignorantes.

9 – A inveja é o defeito dos médiuns que ficam despeitados quando outros médiuns produzem mais e melhor do que eles. Não há motivos para invejar ninguém; quem quiser ser alvo das atenções dos espíritos elevados que se esforce por merecê-las pela prática do bem e por um comportamento exemplar.

10 – Um médium nunca dará ouvidos a elogios, venham eles de onde vierem. O elogio desperta nosso amor-próprio e alimenta nosso orgulho. É conveniente sabermos que os homens e os espíritos verdadeiramente superiores dificilmente elogiam e, quando o fazem, é com palavras de estímulo que nos revelam o muito que ainda nos falta trabalhar para concluirmos o que nos propusemos realizar.

Resta-nos amealhar força, ânimo e coragem para tão grande e meritória tarefa.



Mediunidade e obsessão

Por mais legítima confiança que vos inspirem os Espíritos dirigentes dos vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca seria demais repetir e que deveis ter sempre em mente aos vos entregar aos estudos: a de pensar e analisar, submetendo ao mais rigoroso controle da razão todas as comunicações que receberdes; a de não negligenciar, desde que algo vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedir as explicações necessárias para formar a vossa opinião.

(São Luís)

INICIAMOS ESTE CAPÍTULO COM duas definições sobre obsessão, a primeira delas contida em O Livro dos Médiuns e a segunda em O Evangelho segundo o Espiritismo: “Obsessão é o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca praticada senão pelos espíritos inferiores, que procuram dominar”.

“Obsessão é a ação persistente que um espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diversas, desde a simples influência moral sem perceptíveis sinais exteriores até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais”.

As palavras em negrito necessitam de aprofundamento:

Alguns: indica que nem todos os espíritos praticam a obsessão.

Certas: nem todas as pessoas sofrem obsessão.

Espíritos inferiores: somente estes praticam a obsessão.

Dominar: este é o objetivo da obsessão.

Persistente: o obsessor não desiste facilmente podendo a obsessão durar anos, décadas, séculos.

Portanto, apenas pessoas encarnadas ou desencarnadas que não conseguem perdoar recorrem à vingança como antídoto para as ofensas que receberam na ocasião em que se sentiram ofendidas.

No exercício mediúnico a variedade mais nefasta que pode atingir um médium é a fascinação. Esse tipo de obsessão causa em sua vítima uma paralisia no raciocínio, uma trava no senso crítico, pois o obsessor, muito ardiloso, provoca uma ilusão no raciocínio do obsidiado.

A fascinação define Allan Kardec, trata-se de uma ilusão criada diretamente pelo espírito no pensamento do médium e que paralisa de certa maneira a sua capacidade de julgar as comunicações. O médium fascinado não se considera enganado. O espírito consegue inspirar-lhe uma confiança cega, impedindo-o de ver a mistificação e de compreender o que escreve, mesmo quando este salta aos olhos de todos.

É preciso pois, estar bem atento às comunicações e analisar detalhadamente as entrelinhas de cada mensagem a fim de se evitar qualquer burla. A vigilância constante aliada ao bom-senso deve prevalecer em tais análises. Allan Kardec deixou-nos ainda importantes informações para que fiquemos atentos a este obstáculo, a obsessão, infelizmente comum na sociedade moderna.

Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

1) Insistência de um espírito em comunicar-se queira ou não o médium, pela escrita, pela audição, pela tiptologia etc., opondo-se a que outros espíritos o façam.

2) Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações recebidas.

3) Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem falsidades ou absurdos.

4) Aceitação pelo médium dos elogios que lhe fazem os espíritos que se comunicam por seu intermédio.

5) Disposição para se afastar das pessoas que podem esclarecê-lo.

6) Levar a mal a crítica das comunicações que recebe.

7) Necessidade incessante e inoportuna de escrever.

8) Qualquer forma de constrangimento físico, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar sem querer.

9) Ruídos e transtornos em redor do médium, causados por ele ou tendo-o por alvo.

“Tenho sofrido muitas perseguições da parte de espíritos inimigos da doutrina, mas dizendo-lhes com sinceridade, as maiores dificuldades que enfrento para perseverar no serviço da mediunidade são oriundas de minhas próprias imperfeições”. Essas palavras de Chico Xavier nos induzem ao pensamento de que algum dia, em algum lugar, a uma determinada hora poderemos ter um encontro com alguém que não simpatiza com nossas ideias. É chegado então, o momento de colocar em prática o quanto aprendemos com o evangelho de Jesus.



Mediunidade e mistificação

As mistificações são um dos escolhos mais desagradáveis da prática espírita. Haverá um meio de evitá-las? – Parece-me que podeis encontrar a resposta revendo o que já vos foi ensinado. Sim é claro, há para isso um meio muito simples, que é o de não pedir ao espiritismo nada mais do que ele pode e deve dar-vos: seu objetivo é o aperfeiçoamento moral da Humanidade. Desde que não vos afasteis disso, jamais sereis mistificado, pois não há duas maneiras de se compreender a verdade moral, mas somente aquela que todo homem de bom-senso pode admitir.

(O Livro dos Médiuns)

A MISTIFICAÇÃO É EXERCIDA por espíritos que se comprazem em incentivar a ambição dos homens, dando-lhes a entender que querem ajudá-los na vida material. Daí estimularem a cobiça dando falsas notícias de tesouros enterrados, de heranças que jamais serão recebidas, de riquezas fictícias, sempre passadas como verdades. Espalham falsos milagres, marcam datas para o final do mundo, fazem previsões de descobertas fantásticas e nunca concretizadas. São gozadores, zombeteiros que expõem à cobiça, à ingenuidade e à ignorância humana aqueles suscetíveis de os escutarem.

A malandragem existente no astral inferior e que vive a zombar e a atormentar os encarnados é imensa. O doutrinador nunca será demasiadamente cuidadoso quando em contato com ela. Certa feita usei antigo conselho de Kardec que recomenda solicitar do comunicante que faça uma prece quando ele parecer suspeito, pois muitos deles não têm coragem de fazê-la e sentem certo receio ao pronunciar o nome de Deus. O comunicante fez uma prece linda, digna de um mentor ou de alguém já bastante espiritualizado. Nessa ocasião, o vidente que me auxiliava disse-me que ele estava lendo a prece em um papel anteriormente preparado para aquela eventualidade.

Quando em uma comunicação mediúnica ocorre uma mistificação não devemos rotular o médium de mistificador, pois quem mistifica é o espírito. O médium foi

o enganado, devendo extrair do episódio uma lição para futuras comunicações. Vejamos em O Livro dos Médiuns os sensatos conselhos de Allan Kardec para evitar esse empecilho:

a) Entre os espíritos, poucos há que têm um nome conhecido na Terra; por isso é que, na maioria das vezes, eles nenhum nome declinam.

b) Como os homens, quase sempre, querem saber o nome do comunicante, para os satisfazer o espírito elevado pode tomar o de alguém que é reverenciado na Terra. Não quer isso dizer que se trata, nesse caso, de uma mistificação ou uma fraude. Seria sim, se o fizesse para nos enganar, mas, quando é para o bem, Deus permite que assim procedam os espíritos da mesma categoria, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos. Ocorre ainda que muitas vezes o espírito evocado não pode vir, e ele envia então um mandatário, que o representará na reunião.

c) Quando espíritos de baixo padrão moral adotam nomes respeitáveis para nos induzirem ao erro, não é com a permissão dos espíritos indevidamente nomeados que eles procedem. Os enganadores serão punidos por essa falta. Fique certo, todavia, que, se não fôssemos imperfeitos, não teríamos em torno de nós senão bons espíritos. Se somos enganados, só de nós mesmos nos devemos queixar.

d) Existem pessoas pelas quais os espíritos superiores se interessam e, quando eles julgam conveniente, as preservam dos ataques da mentira. Contra essas pessoas os enganadores nada podem. Os bons espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente da faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. Dão a esses suas preferências e os secundam.

e) Os espíritos superiores nenhum outro sinal têm, para se fazerem reconhecer, além da superioridade das suas ideias e da sua linguagem. Os sinais materiais

podem ser facilmente imitados. Já os espíritos inferiores se traem de tantos modos, que seria preciso ser cego para deixar-se iludir. Os espíritos só enganam os que se deixam enganar.

f) Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as ideias e que, muitas vezes, tomam ideias falsas e vulgares como sublimes. Como podem essas pessoas, que não estão aptas a julgar as obras dos homens, julgar as dos espíritos?

g) Quando as pessoas são bastante modestas para reconhecerem a sua incapacidade, não se fiam apenas em si; quando, por orgulho, se julgam mais capazes do que o são, trazem consigo a pena da vaidade tola que alimentam. Os mistificadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras, que têm finura e saber. Lisonjeando-lhes as paixões, fazem eles do homem o que querem.

Estejamos atentos aos embusteiros e nos apeguemos a essa regra de ouro do espiritismo, dada pelo espírito Erasto, discípulo do apóstolo Paulo: “mais vale rejeitar noventa e nove verdades do que aceitar uma mentira”.



Mediunidade e proteção

Gente há que desencarna imaginando que as portas do mundo espiritual irão se lhes escancarar... Ledo engano! Ninguém quer saber o que fomos, o que possuíamos, que cargo ocupávamos no mundo; o que conta é a luz que cada um já tenha conseguido fazer brilhar em si mesmo.

(Chico Xavier)

TODO INDIVÍDUO, MÉDIUM OU não, tem proteção da parte daqueles que por ele se interessam. São os familiares encarnados ou desencarnados, os amigos que lhe são gratos, o anjo guardião, seus instrutores espirituais, enfim, tantos quanto ele tenha conquistado.

Se existe violência entre encarnados, desapareceria ela pelo efeito da morte? Como esta não transforma ninguém em santo ou demônio permanece o violento com suas características após transpor o túmulo. Daí a necessidade da existência de práticas repressivas e aparatos de segurança, a depender do local aonde o espírito se dirija.

A julgar por este prisma, os centros espíritas necessitam de proteção constante. Quem lê romances espíritas, Nosso Lar, por exemplo, e participa de reuniões de desobsessão nota essa presença necessária. Em Nosso Lar existem muralhas com baterias magnéticas que disparam raios de grande potência contra aqueles que querem invadi-la. O romance Obreiros da vida eterna dá conta da existência da Casa Transitória de Fabiano, grande instituição piedosa, fundada por Fabiano de Cristo, nas cercanias da crosta. Esta casa é um asilo móvel. Quando há necessidade, transporta-se para outras regiões espirituais. Observa-se nela defesas elétricas, contra invasões de espíritos maldosos.

Nos centros espíritas, na Casa de Miramez, onde trabalho, por exemplo, Tibiriçá, chefe de valorosos guerreiros cerca o quarteirão no qual se situa nossa oficina de trabalho não permitindo que algum espírito malfeitor venha atrapalhar os trabalhos lá realizados.

Na obra Dramas da obsessão de autoria do dr. Bezerra de Menezes, este esclarece:

Necessárias se tornariam, por vezes, medidas outras, incompatíveis com a doçura do seu caráter. Então dispúnhamos de individualidades da categoria de Peri, a qual bondosa e incapaz de arbitrariedades, exercia a energia militar sempre que necessário como antigo chefe de hordas guerreiras da Arábia, que fora em existência remota e, mais tarde, como cacique da tribo dos Tamoios.

Tal observação nos leva à seguinte reflexão: nem todo índio é um espírito atrasado culturalmente. O próprio Tibiriçá já teve reencarnações como cientista, mas gosta de permanecer com a aparência indígena. Muitos foram guerreiros na Europa e aqui vieram se esconder dos inimigos que os buscam ao mesmo tempo em que se exercitam na humildade e fraternidade da tribo.

Diria mesmo que a proteção a templos religiosos é comum em qualquer parte do mundo, às vezes seguindo a cultura da região, às vezes não. Médiuns europeus podem ver seus protetores como soldados romanos. Aqui no nordeste do Brasil determinados centros são protegidos por figuras que se vestem à moda dos cangaceiros de Lampião. Outros são protegidos por índios. Ali são os vikings, acolá são os bárbaros, mas todos conscientes de sua missão.

Portanto, pensemos com Chico Xavier: “outro dia me perguntaram por que eu continuo trabalhando, apesar da enfermidade, das limitações. Respondi: – Estou doente, mas ainda não cheguei à inutilidade. Ou fazemos ou fica por fazer. Ninguém pode fazer o que temos que fazer. A gente tem que aguentar. A desistência do dever gera um complexo de culpa muito grande”.

É no trabalho perseverante de cada dia que estaremos protegidos contra as ciladas das sombras.



Mediunidade e fluidos

Jamais o médium deve-se esquecer de que a simpatia entre os espíritos bons estará na razão dos esforços feitos para afastar os maus. Convicto de que sua faculdade é um dom que lhe foi concedido para o bem, não se prevalecerá dela de maneira alguma, nem se atribuirá mérito por possuí-la. Recebe como uma graça as boas comunicações, devendo esforçar-se por merecê-las através de sua bondade, de sua benevolência e da sua modéstia.

(Allan Kardec)

JÁ DISSEMOS QUE NO transe mediúnico não se faz necessário que o comunicante penetre no corpo do médium, sente-se em seu colo ou sequer fique em contato direto com ele. A comunicação se dá de perispírito para perispírito, ocasião em que estando próximos, comunicante e médium formam uma atmosfera fluídica na qual trocam informações e sensações.

Essa atmosfera fluídica serve, inicialmente, para que o médium neófito possa reconhecer que tipo de comunicante está próximo. Se os fluidos do comunicante causam incômodos, sensações de vômitos, dores de cabeça, podemos imaginar que se trata de um enfermo ou de um espírito ainda inferior, cuja atmosfera está carregada de maus fluidos. Se pelo contrário causar sensações de bem-estar, alegria, felicidade, o comunicante, muito provavelmente, é um espírito que não oferece nenhum perigo.

Geralmente nas primeiras reuniões práticas os instrutores espirituais projetam fluidos sobre os aprendizes com a finalidade de perceber-lhes o grau de aprendizagem e a sensibilidade. Estes podem reagir ao contato fluídico apresentando sintomas tais quais: calor, frio, arrepios, sonolência, vista turva, formigamento nas mãos e nos pés, transpiração excessiva, taquicardia, falta de ar, dor de cabeça, emoções desgovernadas, tais como vontade de chorar, sensação de paz, dentre outras.

Esse é o primeiro e o mais fiel termômetro para o médium. Uma árvore boa não

dá maus frutos. Quando uma entidade se aproxima dele deve analisar seus fluidos e, formando um conceito ou diagnóstico sobre aquele comunicante, acolhê-lo. Em reuniões mediúnicas o médium não deve recusar atendimento a um comunicante, pois ele está ali com a permissão dos instrutores espirituais e, mesmo sendo ele um infrator não convidado para a reunião, muitas vezes tem a permissão de se comunicar a fim ter uma oportunidade de ouvir o evangelho e se melhorar.

Como o centro espírita sério tem sua proteção, nenhum mau espírito o invade às escondidas. Mesmo que ele diga que passou pelas defesas da casa e enganou os guerreiros que a protegem, estará mentindo. Por misericórdia é que os instrutores espirituais os deixam se comunicar ou os aprisionam.

Afirma Emmanuel que devemos identificar o mensageiro, encarnado ou desencarnado, pela mensagem que ele traga, mas, se é justo lhe afiramos a cultura, imprescindível, anotarmos a orientação que está dentro dela. Todavia tudo começa pela aferição dos fluidos, seguida pela apresentação perispiritual (que pode ser alterada pelo comunicante, por isso não é um bom parâmetro), as atitudes, a linguagem e os caracteres morais.

Consideramos este capítulo importante devido aos falsos profetas que são abundantes na espiritualidade inferior. São João foi enfático quando nos exortou à vigilância constante: “não acrediteis em todos os espíritos! Provai antes se eles são de Deus”.

Evitar ser enganado ou mistificado é uma tarefa nossa, enquanto trabalhadores espíritas. Emmanuel, em O Consolador, bem informa sobre esta responsabilidade individual e intransferível: “o médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando fielmente com os espíritos sinceros e devotados ao bem e à verdade”.

Com Emmanuel sempre caminhamos bem.



Mediunidade e oração

A caravana para frente a uma palhoça num bairro pobre de Uberaba. Uma mulher grisalha acerca-se do médium à saída do carro: Chico, meu neto está pra morrer. Que é que eu faço? – Minha irmã, a prece de uma avô por um neto necessitado arromba as portas do céu! Vamos orar.

(Chico Xavier)

A ORAÇÃO E A VIGILÂNCIA são mandamentos pétreos para os médiuns. Não podem ser substituídos sob pena de serem vitimados pelas armadilhas fabricadas pelos espíritos inferiores. Jesus, mesmo sendo um espírito puro, em constante comunhão com o Pai, sentia necessidade de orar. Deixou-nos conselhos valiosos sobre como proceder nessas ocasiões, dentre os quais o que se segue:

E quando orais, não haveis de ser como os hipócritas, que gostam de orar em pé na sinagoga, e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens; em verdade vos digo, que eles já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e fechada a porta, ora a teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê o que se passa em segredo, te atenderá. E quando orais não faleis muito, como os gentios; pois cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não queiras, portanto parecer-vos com eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, primeiro que vós o peçais. (Mateus, VI:5-8)

Em O Evangelho segundo o Espiritismo existem importantes explicações sobre o mecanismo de transmissão da prece:

O espiritismo nos faz compreender a ação da prece, ao explicar a forma de

transmissão do pensamento, seja quando o ser a quem oramos atende ao nosso apelo, seja quando o nosso pensamento eleva-se a ele. Para se compreender o que ocorre nesse caso, é necessário imaginar os seres, encarnados e desencarnados, mergulhados no fluido universal que preenche o espaço, assim como na Terra estamos envolvidos pela atmosfera. Esse fluido é impulsionado pela vontade, pois é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, enquanto as do fluido universal se ampliam ao infinito. Quando, pois, o pensamento se dirige para algum ser, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece de um a outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som. (Allan Kardec)

Emmanuel, nosso confiável professor nessa matéria assim se expressa:

Quando a dor te entenebrece os horizontes da alma, subtraindo-te a serenidade e a alegria, tudo parece escuridão envolvente e derrota irremediável, induzindo-te ao desânimo e insuflando-te o desespero; todavia, se acendes no coração leve flama da prece, fios imponderáveis de confiança ligam-te o ser à Providência Divina.

Todos os espíritos que já detêm certo grau evolutivo confiam e praticam a oração como antídoto contra todos os males. É lâmpada acesa na escuridão; água límpida e fresca em pleno deserto. Seja qual for o problema ou aflição que perturbe a alma, a primeira providência será sempre a oração cuja função é clarear e abrir os caminhos.

Pedi e obtereis. Batei e abrir-se-vos-á. A misericórdia divina é infinita. Que não se julgue desamparado, mesmo no vale da sombra e da morte como diz o salmo de Davi, aquele que sabe orar. Como metáfora, é um telefone que liga diretamente aos bons espíritos. Como proteção, é escudo impenetrável no qual o mal não consegue penetrar.

Como salientou Emmanuel sobre a qualidade da prece, quando ela é tecida de inquietação e de angústia não pode distanciar-se dos gritos desordenados de

quem prefere a aflição e se entrega à imprudência, mas a oração tecida de harmonia e confiança é força imprimindo direção à bússola da fé viva, recompondo a paisagem em que vivemos e traçando rumos novos para a vida superior. Orai sem cessar, disse Paulo de Tarso, para que Deus jamais te encontre desguarnecido de forças e de inspiração.



Mediunidade e vida saudável

Os médiuns, na sua generalidade, não são missionários, na acepção comum do termo: são almas que fracassaram desastradamente, que contrariaram sobremaneira o curso das leis divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodoado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre são espíritos que tombaram dos cumes sociais pelo abuso do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que se desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude.

Emmanuel – (Chico Xavier) – Emmanuel – FEB

NÃO HÁ COMO OU PORQUE negar que uma mente saudável interfere no corpo físico transferindo-lhe através de suas diretrizes uma vida mais benéfica. Em espiritismo não existem proibições, mas explicações e aconselhamentos.

Sabemos que o meio em que o médium se encontra influencia sobre suas manifestações e que todos os espíritos que o cercam podem influenciá-lo para o bem ou para o mal. Acostumei-me aos conselhos de Emmanuel, pois sempre os considerei coerentes e inspirados. Quando ele fala sobre sexo, inicia com uma advertência grandiosa, depois da qual ninguém tem coragem de gracejar com o tema: “o sexo fez o lar e criou o nome de mãe”.

Entendemos assim que sexo não é feio nem pecado e que não é tema ou prática proibida aos espíritas. O espiritismo esclarece, no entanto, que a promiscuidade sexual é censurável e um forte atrativo para as obsessões. Permaneçamos neste tema gerador de inúmeros casos de obsessão, com os esclarecimentos do citado professor:

[...] o sexo na existência humana pode ser um dos instrumentos do amor, sem

que o amor seja sexo.

O instinto sexual é força poderosa de atração, unindo os corpos físicos, reencontrando as almas, para resgates de débitos, dirigindo os homens para conquistas e objetivos da Lei Suprema: o amor, a felicidade e a harmonia. Não podemos confundir sexo e amor, pois, enquanto o sexo é força instintiva ou inconsciente, o amor é energia consciente e espontânea, todavia sexo sem amor é pobre e pequeno, quando não promíscuo.

Mas não apenas o sexo desregrado é capaz de levar o médium ao fracasso. Tudo aquilo que está em desacordo com as leis divinas é pedra de tropeço na mediunidade. As drogas, o orgulho, a vaidade, o egoísmo, a maledicência e até mesmo simples prazeres como o comer e o beber, quando exagerados podem afetar o corpo e, por consequência, o espírito.

Buscar o bem-estar não é censurável, mas há de se dedicar espaço e esforço no aprimoramento do espírito, habitante permanente no Universo e não apenas à sua vestimenta biológica, o corpo físico.

Para concluir este tópico relembremos mais uma vez O Evangelho segundo o Espiritismo em seus insuperáveis conselhos:

Amai, pois, a vossa alma, mas cuidai também do corpo, instrumento da alma; desconhecer as necessidades que lhe são peculiares, por força da própria natureza, é desconhecer as leis de Deus. Não o castigueis pelas faltas que o vosso livre-arbítrio o fez cometer, e pelas quais ele é tão responsável como o cavalo mal dirigido o é, pelos acidentes que causa. Sereis por acaso mais perfeitos, se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, menos orgulhosos e mais caridosos? Não, a perfeição não está nisso, mas inteiramente nas reformas a que submeterdes o vosso espírito. Dobrai-o, subjugai-o, humilhai-o, mortificai-o: é esse o meio de o tornar mais dócil à vontade de Deus, e o único que conduz à perfeição.



Mediunidade: sugestão para curso introdutório

A gente pode morar numa casa mais ou menos, numa rua mais ou menos, numa cidade mais ou menos, e até ter um governo mais ou menos. Pode até dormir numa cama mais ou menos, ter um transporte mais ou menos. O que não pode de jeito nenhum: é ter um amor mais ou menos, namorar mais ou menos, ter fé mais ou menos, beijar mais ou menos. Senão a gente corre o risco de ser uma pessoa mais ou menos.

(Chico Xavier)

TENHO ANALISADO MUITOS CURSOS de educação da mediunidade nos centros espíritas aos quais visito, quando convidado para proferir palestras e seminários e sempre tenho a curiosidade de perguntar qual a duração do curso. Existem cursos de dois e até de três anos, o que me causa muita perplexidade.

Sei que o estudo deve ser contínuo e verticalizado, mas não entendo a necessidade de alguém dirigir-se a um centro espírita com mediunidade aflorada e deseducada, necessitando de trabalho urgente e ter que passar três anos em espera. Além de desestimulante tal metodologia faz com que os candidatos a futuros médiuns abandonem o curso ao longo do tempo estipulado terminando por ficar o expositor com um décimo de sua antiga turma.

Noto também que tais cursos são oferecidos durante a semana no horário noturno e que os aprendizes leem textos sentados em bancadas ou cadeiras ficando a cochilar alguns, devido ao cansaço do trabalho que já lhes consumiu as reservas de forças.

Baseado em tais dificuldades ministro cursos de educação da mediunidade em vinte seminários de três horas cada, nos sábados à tarde ou domingos pela manhã quando as forças e atenções de todos possam estar ativas e focadas na exposição. Não estou querendo afirmar que este seja o método correto, o mais produtivo e pedagogicamente perfeito. Apenas constatei que dá excelentes resultados. Segue-se a esta fase teórica a parte prática na qual todos seguimos para a mesa

mediúnica em prosseguimento à aprendizagem. Eis os módulos que escolhi para uma introdução teórica do tema:

1. Médiuns e mediunidades

2. Compromisso mediúnico

3. Inconvenientes e perigos da mediunidade

4. Papel dos médiuns nas comunicações

5. Influência do meio

6. Vivência na sala mediúnica

7. Interferência nas mensagens

8. O pensamento

9. A prece

10. A psicofonia

11. Os fluidos

12. A psicografia

13. O desdobramento

14. A vidência

15. A audiência

16. A obsessão

17. O perispírito

18. A ideoplastia

19. Mediunidade em crianças

20. Tira dúvidas

A necessidade do estudo da mediunidade de forma contínua e sistematizada tem como finalidade preparar trabalhadores da mediunidade conscientes, responsáveis e esclarecidos, porém capazes de garantir a simplicidade e a segurança do intercâmbio com os espíritos, afirma Kardec ao escrever a introdução de O Livro dos Médiuns.

Através do estudo sistematizado acrescenta ainda este autor:

– evitamos dificuldades e desenganos relativos ao desconhecimento do assunto;

– educamos os médiuns de forma correta e equilibrada;

– conheceremos obstáculos e desafios relacionados à manifestação dos espíritos e ao diálogo com entidades sofredoras;

– obteremos boas comunicações mediúnicas e a neutralização de atos oriundos de espíritos moralmente inferiores.

“Conhecereis a verdade e ela os libertará”, disse o mestre. Que o aprendiz espírita não venha a negligenciar neste aspecto tão importante de sua caminhada evolutiva. Que não venha a ser jamais um espírita mais ou menos.



Conselhos aos médiuns

Médiuns, ponderai as vossas obrigações sagradas! Preferi viver na maior das provações a cairdes na estrada larga das tentações que vos atacam, insistentemente, em vossos pontos vulneráveis. Recordai-vos de que é preciso vencer, se não quiserdes soterrar a vossa alma na escuridão dos séculos de dor expiatória. Aquele que se apresenta no Espaço como vencedor de si mesmo é maior que qualquer dos generais terrenos, exímio na estratégia e tino militares. O homem que se vence faz o seu corpo espiritual apto a ingressar em outras esferas e, enquanto não colaborardes pela obtenção desse organismo etéreo, através da virtude e do dever cumprido, não saireis do círculo doloroso das reencarnações.

Emmanuel – (Chico Xavier) – Emmanuel – FEB

NÃO PODERÍAMOS DEIXAR ESTA incumbência, aconselhar aos médiuns, senão a cargo desse mestre que citamos constantemente (Emmanuel) devido à excelência dos seus ensinamentos. Orientador de Chico Xavier, ambos formavam uma dupla de luminosidade indiscutível, deixando para nós, aprendizes da doutrina, as mais claras luzes a iluminar nossa sede de conhecimento e prática doutrinária.

Quando ele cita que aquilo que somos é um presente de Deus, e o que nos tornamos é o nosso presente para Ele, concita-nos ao crescimento espiritual através do amor e da instrução, as duas asas que nos levará até Ele.

Não somos deste mundo, nenhum de nós. Todos viemos das estrelas para uma experiência na Terra e, forçosamente, teremos que retornar à nossa verdadeira casa. Por isso tenhamos em mente o que levar na bagagem por ocasião da nossa desencarnação. Levaremos apenas a nós próprios com nossas virtudes e tropeços. Valorizemos o espírito antes do corpo físico e a aprendizagem no bem no lugar do repouso exagerado. Sigamos sem fanatismo, respeitando a todos e em breve seremos luz. Eis o conselho de Emmanuel para os lidadores na mediunidade.

Mediunidade é igual ao trabalho: acessível a todos.

Entretanto, qual ocorre ao trabalho, é forçoso que o servidor dela seja leal ao próprio dever, para que a obra alcance os fins em vista.

O mais humilde utensílio tem qualidades polimórficas.

Qualquer médium também é suscetível de ser mobilizado, na produção de fenômenos múltiplos, favorecendo pesquisas e observações, com algum proveito, mas se quisermos rendimento medianímico, seguro e incessante, na composição doutrinária do espiritismo, cada tarefeiro da mediunidade, embora pronto a colaborar, seja onde for, no levantamento do bem, é convidado logicamente a consagrar-se à própria função, conquanto possua faculdades diversas, amando-a, estudando-a, desenvolvendo-a e praticando-a, no mesmo serviço ao próximo, que será sempre serviço a nós mesmos.

Se formos chamados a ensinar, através da palavra falada, aprimoremos a emoção e selecionemos a frase, para que os instrutores da Vida Maior nos utilizem o verbo, por agente de luz, construindo esclarecimento e consolação nos que ouvem; se designados a escrever, façamos em nós bastante silêncio interior, a fim de que a voz do mundo espiritual se manifeste por nossas mãos, instruindo a quem lê; se indicados ao labor curativo, sustentemos o magnetismo pessoal tão limpo quanto possível, para que os emissários celestes nos empreguem as energias no socorro aos doentes; se trazidos a cooperar na desobsessão, mantenhamos o pensamento liberto de ideias preconcebidas, a fim de que os benfeitores desencarnados nos encontrem capazes da enfermagem precisa, no amparo aos companheiros desorientados e sofredores, sem criar-lhes problemas...

Mero ferrolho, deve estar no lugar próprio, para atender a serventia que se lhe roga dentro de casa.

Simples fio, para canalizar os préstimos da eletricidade, necessita ajustar-se à ligação correta, de modo a garantir a passagem da força.

Sobretudo, é imperioso recordar que todos podem ser medianeiros do bem, sob a inspiração de Jesus, honorificando encargos e responsabilidades, em posição certa, no plano de construção da felicidade geral. É por isso que ele, o Cristo de Deus, não nos disse que o maior no reino dos Céus será quem saiba fazer tudo, mas sim aquele que se fizer o servo leal de todos. (André Luiz e Emmanuel, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira, 1982, Opinião espírita).



Conclusão

CONCLUIR ALGO, SEJA UM curso, um livro, uma casa, um poema é sempre algo muito agradável. Por muitas vezes tenho experimentado esta sensação ao concluir um curso, pois ministro alguns no centro espírita no qual trabalho. Vejo nesta ocasião, no rosto de todos, uma alegria interior que se reflete nos olhos, no rosto, na alma, confirmando que a maior alegria que o espírito sente é a aquisição de conhecimento.

Fico emocionado quando vejo pessoas já operantes no passe, nas reuniões mediúnicas, na doutrinação de espíritos, capacitadas nesses cursos oferecidos pelo centro espírita, que proporciona oportunidades de serviço a desaguar na evolução espiritual.

Diz Emmanuel que a maior caridade que podemos fazer pela doutrina espírita é a sua própria divulgação. Daí o meu respeito aos escritores, editores, palestrantes e divulgadores da doutrina de uma maneira geral, pois todos contribuem, de alguma maneira na execução dessa caridade.

Sejamos nós, também, lâmpadas vivas levando a luminosidade do espiritismo aonde formos. Cada um à sua maneira, alguns com rimas, por serem poetas, outros com prosa, outros com uma boa conversa, mas sejamos instrumento de paz no mundo.

O trabalho está à espera. Não nos percamos em discussões inúteis e estéreis, antes coloquemos a mão no arado e não olhemos mais para trás.



Bibliografia

BOZZANO

, Ernesto. A crise da morte. 4ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1926.

KARDEC

, Allan. A Gênese. Trad. Guillon Ribeiro. 5ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1975.

_____. Instruções práticas sobre a manifestação dos espíritos. Trad. Cairbar Schutel. 8ª ed. Matão-SP, O Clarim, 2012.

_____. O Céu e o Inferno. Trad. Guillon Ribeiro. 19ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1963.

_____. O Evangelho segundo o Espiritismo. Trad. Matheus Rodrigues de Camargo. 1ª ed. Capivari-SP, Editora EME, 2000.

_____. O Livro dos Espíritos. Trad. Torrieri Guimarães. 2ª ed. São Paulo-SP, Opus Editora Ltda., 1985.

_____. O Livro dos Médiuns. Trad. de J. Herculano Pires. 6ª ed. São Paulo-SP, LAKE, 1978.

_____. O que é o Espiritismo. 13ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1963.

_____. Obras Póstumas. Trad. de Salvador Gentile. 1ª ed. Araras-SP, IDE, 1993.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Vol 6 (1963). 3ª ed. Brasília-DF, FEB, 2007

PEREIRA

, Yvonne do Amaral. Bezerra de Menezes (espírito). Dramas da obsessão. 3ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2006.

VIEIRA,

Waldo &

Xavier,

Francisco Cândido. André Luiz e Emmanuel (espíritos). Estude e viva. 3ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1972.

_____. Opinião espírita. 5ª ed. Uberaba-MG, Edições CEC, 1982.

VIEIRA,

Waldo &

Xavier,

Francisco Cândido.

Espíritos diversos. Espírito da verdade. 4ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1982.

XAVIER

, Francisco Cândido. André Luiz (espírito). Agenda cristã. 2ª ed. Bolso. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1998.

XAVIER

, Francisco Cândido. Emmanuel (espírito). Emmanuel. 28ª ed. Brasília-DF, FEB, 2015.

_____. O consolador. 6ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1976.